



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
MEN 5237 - PRÁTICA DE ENSINO I**

**PROJETO DIDÁTICO: A HETEROGENEIDADE EM FAVOR DOS DISCURSOS
CIRCULANTES**

Florianópolis

2011

**KAMILA CAETANO DE ALMEIDA
SABRINA DA COSTA DALLA ROSA
SUZIANE DA SILVA MOSSMANN**

**PROJETO DIDÁTICO: A HETEROGENEIDADE EM FAVOR DOS DISCURSOS
CIRCULANTES**

Ensaio Final elaborado a partir das experiências no Estágio Supervisionado, apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para aprovação na disciplina MEN 5237 - Prática de Ensino I, do Curso de Letras Português e Literaturas.

Orientadora: Prof^ª. Ana Claudia de Souza, Dra.

Florianópolis

2011

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM HISTORICAMENTE SITUADO	6
2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, SUA INSERÇÃO NA PROPOSTA CURRICULAR DE FLORIANÓPOLIS E SUA MANIFESTAÇÃO METODOLÓGICA NO MUNICÍPIO	7
3. SUJEITO DIALÓGICO E OUTROS CONCEITOS-CHAVE.....	10
4. O GÊNERO RELATÓRIO DE PESQUISA NO PROCESSO ATIVO DE RESPONSIVIDADE	13
4.1 PRODUÇÃO TEXTUAL.....	15
4.2 LEITURA	18
4.3 ANÁLISE LINGUÍSTICA.....	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS	24
APÊNDICES	26
APÊNDICE A – Relato de observações.....	27
APÊNDICE B - Projeto didático.....	29
APÊNDICE C – Adaptações para fins didáticos	50

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade tecer a apresentação do projeto didático *A Heterogeneidade em favor dos Discursos Circulantes* desenvolvido no período compreendido pela disciplina de Prática de Ensino I, na qual se realizou um estágio supervisionado em uma turma de segundo segmento da Educação de Jovens e Adultos. Além disso, levantará algumas discussões acerca de conceitos-chave presentes nas teorias de ensino e aprendizagem de língua materna pautadas na concepção de linguagem como interação, e como esses conceitos são utilizados na construção e avaliação deste projeto didático.

A disciplina de Prática de Ensino I, necessária para a concessão do título de licenciado em Letras Português e Literaturas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), compreende etapas de observação, planejamento e regência.

Previamente a essas etapas, tem-se um período de formação de grupos e seleção dos campos de atuação. No caso em questão, formou-se um trio, o qual foi destinado à Escola de Educação Básica Dr. Paulo Fontes, localizada no bairro Santo Antônio de Lisboa, Florianópolis/SC, doravante denominada Núcleo EJA Norte III.

Devido à necessidade de ocorrência da disciplina no período noturno e por esta ser direcionada à docência no Ensino Fundamental, fez-se necessária a atuação em unidades de Educação de Jovens e Adultos (EJA), únicos campos disponíveis no mencionado período.

A EJA do município de Florianópolis é dividida em primeiro e segundo segmentos. O primeiro corresponde às séries iniciais (1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental e o segundo, às séries finais (6º ao 9º ano). A prática em questão deu-se em uma turma do segundo segmento.

A etapa de observação pressupõe o acompanhamento de 8h/a, nas quais se identificam os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem (professores e alunos), bem como o espaço no qual se dão as aulas e a metodologia utilizada. Dessa verificação resulta o relato de observações¹, documento exigível e relevante para o planejamento do projeto de intervenção a ser empreendido. Considerando os sujeitos e as demandas locais observados, verificou-se um contexto escolar ímpar, no qual a construção de saberes se dá por meio de pesquisas orientadas que ocorrem diariamente. Os alunos têm a

¹ Apêndice A.

liberdade de escolher o tema a ser pesquisado, trabalhando preferencialmente em duplas e individualmente quando em processo de conclusão do segmento. A etapa final de cada pesquisa realizada implica a elaboração de um relatório.

Por conta das diretrizes do corpo docente atuante no Núcleo EJA Norte III, o planejamento pautou-se na necessidade de confecção deste relatório, qual seja, um texto com características dissertativas², adaptado para fins pré-estabelecidos, tendo em vista os sujeitos em questão e suas especificidades no que tange à prática escrita.

No período de regência, que pressupõe 8h/a por estagiário, correspondendo, no caso, à 24h/a, optou-se, previamente, pela inserção dos gêneros circulantes – *crônica* e *notícia* – com o intuito de aproximar os alunos das práticas de leitura e escrita, para, a *posteriori*, encaminhá-los a práticas com gêneros ditos mais complexos³.

Destarte, este ensaio propõe-se a apresentar nuances da prática vinculada às concepções de língua como prática social e de sujeito situado sócio-historicamente, alicerçadas às teorizações do campo transdisciplinar da Linguística Aplicada.

Assim, a estrutura deste trabalho organiza-se da seguinte forma: a contextualização da Educação de Jovens e Adultos como processo historicamente situado; a inserção da proposta curricular da EJA no município de Florianópolis/SC; o sujeito compreendido como dialógico na EJA; o gênero relatório de pesquisa no processo ativo de responsividade; a leitura, a produção textual e a análise linguística em favor dos projetos de dizer desses sujeitos.

² Os docentes do Núcleo EJA Norte III disponibilizaram-nos um roteiro, contendo orientações acerca da configuração composicional exigida nesse contexto, para produção do gênero relatório de pesquisa. Verificou-se que, a partir da tipologia textual de caráter dissertativo, predominante no gênero em questão, os alunos tecem o texto em função das respostas às perguntas formuladas para a realização da pesquisa e da síntese das informações mais relevantes com ela adquiridas.

³ A complexidade em questão se deve a não-familiaridade dos alunos aos gêneros pouco circulantes e de caráter mais técnico e científico.

1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM HISTORICAMENTE SITUADO

A discussão acerca das transformações das instituições é fundamental para a reflexão sobre a relação entre letramento e escolarização (MATÊNCIO, 1994), visto que o ensino de língua materna suscita questões de âmbitos político e social.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) surgiu, historicamente, como uma possibilidade de preenchimento de lacunas no ensino brasileiro. Fundamentada nos pressupostos da perspectiva histórico-cultural, a Proposta Curricular da Educação de Jovens e Adultos do Estado de Santa Catarina pretende pensar essa educação como

[...] a busca de um espaço apropriado para quem já não se encontra na faixa etária mais ou menos correspondente ao ensino fundamental, mas que não recebeu nenhuma formação sistemática, ou que, por algum motivo, se afastou dos estudos, e a eles está retornando. (SANTA CATARINA, 1998, p. 36).

O diagnóstico do público discente que compõe o cenário, mormente no tocante a heterogeneidades possíveis, merece consideração cuidadosa.

A relação professor-aluno na Educação de Jovens e Adultos ocorre de maneira distinta do Ensino Fundamental e Médio regulares. Esse envolvimento entre docente e aluno se estabelece, na maioria dos casos, com sujeitos trabalhadores, os quais possuem marcadas experiências que não podem ser ocultadas ao olhar do professor. De acordo com documento oficial da EJA de Florianópolis,

[...] é importante tentar conhecer o mais rápido possível as condições reais de vida do aluno, procurar se aproximar dele como alguém que sabe ouvir e que procura estar disponível e demonstrar que se importa com o que acontece com ele. Fundamentalmente estabelecer vínculo com o aluno. (FLORIANÓPOLIS, 2008, p. 7).

O liame é constituído paralelamente ao conhecimento das heterogêneas realidades estudantis. O trabalho realizado com a turma da escola Paulo Fontes, em Santo Antônio de Lisboa, revelou uma premente necessidade de adequação de método, tempo e currículo direcionada especificamente ao perfil dos estudantes que procuram a EJA, a qual será descrita e explicitada ao longo deste ensaio.

2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, SUA INSERÇÃO NA PROPOSTA CURRICULAR DE FLORIANÓPOLIS E SUA MANIFESTAÇÃO METODOLÓGICA NO MUNICÍPIO

Inserida em proposta municipal, a EJA de Florianópolis possui pormenores metodológicos próprios que diferem essa educação do ensino regular.

Com o intuito de construir alguma alternativa de ação, a Proposta Curricular de Florianópolis (2008) assume a posição sugerida por Geraldi (1999), partindo do pressuposto de que “a língua só tem existência no jogo que se joga na sociedade, na interlocução” (GERALDI, 1999, p. 42). Deixando de lado as concepções de linguagem que a configuravam apenas como expressão do pensamento e instrumento de comunicação, abre-se espaço para uma discussão do ensino de língua materna como aquele que mais se responsabiliza em prover o desenvolvimento de habilidades sócio-interativas aos aprendizes.

A concepção eleita pelo documento de Florianópolis assenta-se na premissa de que a linguagem é o lugar constituinte de relações sociais. É a escola que propicia aos alunos meios de deslocamento entre todas as esferas de atividade dos mais variados tipos de textos, para que essas relações verdadeiramente se concretizem. A escolha do trabalho com gêneros do discurso, feita pelo município, responde a essa necessidade social.

A proposta da EJA de Florianópolis, paralela à abrangente Proposta Curricular do município, encontra na pesquisa um princípio educativo e pretende que os alunos tenham encontros contínuos com diversos textos, os quais servem de aporte para a realização das pesquisas por eles escolhidas. Em vez de uma grade de horários e da divisão desta em disciplinas, as aulas são contínuas e interdisciplinares. Em cada noite de ensino, ao menos dois professores oriundos de graduações distintas permanecem em sala e coexistem no trabalho.

A coexistência dos docentes em sala de aula tende a promover, quando satisfeitas as condições necessárias para tanto, uma constante mobilidade leitora dos alunos, os quais têm de fazer uso de textos de diversas áreas do conhecimento para a tecitura de sua pesquisa. A título exemplificativo, um estudante que opta por pesquisar sobre uma doença, precisa do amparo cognoscitivo do docente de Ciências que poderá explicar-lhe o funcionamento do corpo humano, o processo originário da moléstia e seu conjunto de sinais e/ou sintomas, bem como orientá-lo no manuseio dos textos adequados para a aquisição de informações úteis. De outro modo, o professor de Língua Portuguesa poderá auxiliá-lo na

compreensão desses escritos, que muitas vezes são constituídos numa linguagem diferenciada daquela a que o aluno tem contato.

No decorrer da confecção dessas pesquisas, os discentes selecionam, com o auxílio dos professores, dentre a infinidade de expressões escritas que circulam em meio impresso e eletrônico, os documentos que satisfaçam, com eficácia e confiabilidade, as necessidades dos trabalhos a serem elaborados. A mera decodificação dos signos verbais não configura o letramento⁴ em âmbito escolar, do qual carece a maior parte destes estudantes que estão apartados do ensino regular. A referida carência está baseada em um conjunto de dados diagnosticados em práticas de leitura e escrita locais. No trabalho com as crônicas e a notícia, verificaram-se óbices nos processos de leitura, compreensão, interpretação e produção textuais. A decodificação é apenas a primeira etapa nesses processos e não configura um alcance satisfatório do que se entende hoje por leitura, nas concepções do letramento ideológico, relacionadas à perspectiva sociointeracional. A escola é, nesse contexto em que se insere a Prática de Ensino, a principal agência de letramento, visto que, em estando ausentes dela, os alunos raramente têm “acesso” a meios de circulação de textos.

Destaca-se, como circunstância favorável para o convívio com discursos vários, o fato de que a escola que atende à EJA municipal, na Unidade Paulo Fontes, possui laboratório de informática em satisfatórias condições de uso, com acesso à *Internet*, o que possibilita ao alunado acesso a produções escritas circulantes em meio eletrônico. Em contrapartida, a biblioteca da escola não tem funcionamento no período noturno, momento em que ocorrem as aulas dos jovens e adultos.

Além das etapas escritas das pesquisas na Educação de Jovens e Adultos, nas quais os alunos têm de definir tema a ser estudado, problemática, hipóteses, saberes prévios e perguntas a serem respondidas posteriormente, os educandos também são submetidos a apresentações orais.

Para que a aula seja um acontecimento⁵ e para que as consequências deste acontecimento afetem, interfiram e movam o social, os alunos precisam ser capazes de, por meio daquilo que a escola lhes fornece, transitar pelas diversas esferas de circulação de textos, orais ou escritos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental, terceiro e quarto ciclos – que correspondem ao segundo segmento na EJA -, “no trabalho com os conteúdos previstos nas diferentes práticas, a escola deverá organizar

⁴ O letramento aqui é o denominado “ideológico”, conforme postula Street (2003).

⁵ “Tomar a aula como acontecimento é eleger o fluxo do movimento como inspiração, rejeitando a permanência do mesmo e a fixidez mórbida no passado.” (GERALDI, 2010, p.100). Nesse núcleo, a aula não figura como acontecimento.

um conjunto de atividades que possibilitem ao aluno desenvolver o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso público da linguagem” (BRASIL, 1998), quadro este no qual objetiva inserir-se a proposta em análise.

Em tese, para a configuração de um cenário de desenvolvimento de competências, a figura do professor da EJA de Florianópolis deixaria de ser a de mero controlador do processo de aprendizagem, “operador da parafernália didático-pedagógica”, como bem afirmou Geraldi (1999, p. 92). Esse modelo obsoleto de docência deveria configurar-se ultrapassado por “noções como a de professor reflexivo, pelas noções de professor pesquisador, pela defesa da pesquisa-ação como forma de estar na sala de aula de todo professor, pelas parcerias construídas nas investigações participantes, etc.” (GERALDI, 1999, p. 93). Destarte, em vez de dar respostas a alunos que não conhecem as perguntas, o currículo municipal da Educação de Jovens e Adultos teria por escopo incitar aqueles à elaboração de questionamentos que poderão ser respondidos e sanados na prática de leitura constante, com o auxílio do grupo de professores presentes.

3. SUJEITO DIALÓGICO E OUTROS CONCEITOS-CHAVE

A proposta de elaboração do projeto didático - *A heterogeneidade em favor dos discursos circulantes* - a ser desenvolvido em um contexto específico, no caso, o núcleo de Santo Antônio de Lisboa da EJA do município de Florianópolis, requer a consideração de um sujeito social e historicamente situado. Nesse caso, considera-se inevitável atentar-se para as vivências e as experiências dos indivíduos encontrados em tal contexto, concebendo-os como sujeitos ativos e responsivos diante de seus projetos de dizer.

Assim, a primeira etapa a ser considerada na elaboração didática diz respeito à compreensão das demandas locais e do reconhecimento dos sujeitos que estarão engajados em tal projeto. Os sujeitos considerados nesse processo constituem um grupo bastante heterogêneo, com diferentes propósitos e limitações, sendo em sua maioria jovens, entre 15 e 23 anos, que não concluíram o ensino fundamental em período considerado adequado e que retornam aos estudos por necessidades diversas, entre elas: a pressão do mercado de trabalho e a emergência em aceder a espaços reservados para indivíduos com o mínimo de escolaridade exigida atualmente – Ensino Médio.

Dessa maneira, conforme propõe Geraldi (2003 [1991]) na busca por um ensino operacional e reflexivo, optou-se pela proposta de reconsideração do lugar do sujeito, considerando assim a historicidade deste e da própria linguagem, que atua como constitutiva da subjetividade. Com isso, faz-se necessário entender a concepção de sujeito norteadora da ação teórico-metodológica empreendida no núcleo EJA de Santo Antônio.

A constituição do sujeito na perspectiva assumida nesse contexto – sociointeracional - implica, conforme Geraldi (2010): admitir um espaço para o sujeito; admitir a inconclusibilidade de tal sujeito; assumir o caráter não fechado da linguagem que funciona nesse processo de constituição e, por fim, compreender a insolubilidade constitutiva da ideia do estar sujeito.

Para Bakhtin, o sujeito é *dialógico* e constitui-se em meio às vozes sociais e aos embates advindos dos encontros e desencontros com as outras vozes que povoam os discursos. Essas vozes sociais, por sua vez, atuam de diferentes modos, despertando no sujeito distintas reações enunciativas. Faraco (2009) apresenta nos termos de Bakhtin, em *O discurso do romance*, pelo menos duas posturas para tais vozes: a de *autoridade* e a de *persuasão*. A primeira caracterizada pela ideia de força centrípeta e a segunda pela concepção de força

centrífuga, uma se aproxima mais da formação de uma consciência monológica, enquanto a outra expõe o sujeito ao caldeirão das heteroglossias dialogizadas.

Nesse contexto de embates entre as vozes que circundam os sujeitos e que “são determinantes da história da consciência ideológica individual” formam-se distintas consciências, que se constroem a partir da lógica de uma realidade linguístico-social heterogênea, plurilíngue que se configura na interação socioideológica.

Assim, os enunciados proferidos pelos sujeitos dialógicos emergem como respostas ativas e são também heterogêneas, pois são proferidas por sujeitos constituídos no “interior do complexo caldo da heteroglossia e de sua dialogização”.

Portanto, importa considerar o conceito de *dialogismo*, que diferentemente do que se espera, não é considerado como uma atividade meramente de diálogo face a face, mas sim é definido como uma defrontação axiológica entre dois enunciados. Segundo Bakhtin, os enunciados carregam significações e é a partir da interação que os sujeitos – locutor/interlocutor – assumem posições frente a valores sociais, políticos e culturais. Nessa perspectiva, entra em cena a relação da *alteridade*, considerada como elemento fundamental para a constituição do sujeito. É a partir da interação que o outro também participa, assumindo uma posição ativa e responsiva. “Cada um de nós é efeito da alteridade: nada somos fora das relações com os outros; nós nos constituímos e vivemos nas relações com a alteridade.” (FARACO, 2007, p. 46)

Conforme aponta Faraco (2007), os pressupostos de Bakhtin consideram que o sujeito que assume uma posição axiológica é constituído por uma consciência linguística *plurivocal*, ou seja, permeada por variadas vozes sociais. Essas vozes encontram-se em intenso contato umas com as outras, em uma espécie de teia dialógica, conceito este definido por Bakhtin como “heteroglossia dialogizada”.

O que mais interessa a Bakhtin, porém, não é propriamente a heteroglossia, mas sua dialogização. As vozes sociais, pela boca dos falantes, vivem em múltiplos e contínuos contatos que constituem uma imensa teia dialógica a que Bakhtin dá o nome de *heteroglossia dialogizada*. Nela as vozes sociais se interiluminam, se interpenetram, se apoiam mutuamente, entram em conflito, se contradizem, se rejeitam total ou parcialmente. É esse tenso embate dialógico que dá dinamicidade à língua enquanto realidade social vivida. (FARACO, 2007, p. 47).

Deste modo, empreender uma proposta que considere o *sujeito* em suas especificidades é postura considerada plausível – e, portanto, assumida pelas estagiárias em questão – para que o processo de ensino e aprendizagem, pautado no uso da linguagem (leitura e produção de textos orais e/ou escritos) e na reflexão acerca do agenciamento de recursos

linguísticos utilizados em favor dos projetos de dizer desses alunos da EJA de Santo Antônio, seja construído de maneira coerente e consistente.

Finalmente, visibiliza-se o fato de que

Quando diz algo, o sujeito sempre diz de uma dada maneira dirigindo-se a alguém, e o ser desse alguém interfere na própria maneira de dizer, na escolha dos próprios itens lexicais. Dizer é dizer-se. O sujeito é desse modo mediador entre as significações sociais possíveis (o sistema formal da língua, nível da significação) e os enunciados que profere em situação (o sistema de uso da língua) [...]. (BRAIT, 2010, p.24).

E a finalidade desse projeto de intervenção está pautada na ideia de construção de uma escrita social responsiva, materializada, nesse caso, na elaboração de Relatório Final de Pesquisa por alunos da Educação de Jovens e Adultos do segundo segmento.

4. O GÊNERO RELATÓRIO DE PESQUISA NO PROCESSO ATIVO DE RESPONSABILIDADE

Os *gêneros do discurso* são tipos relativamente estáveis de enunciados e (mega) instrumentos de interação (SCHENEUWLY, 2004), concepção que deriva da noção vigostskiana de linguagem como “instrumento” – mediação simbólica que viabiliza a interação social e a organização do pensamento.

Conforme Rodrigues (2005), o Círculo de Bakhtin está situado na área da Linguística Aplicada como problematizador e interlocutor, inicialmente na década de 1980, tendo suas ideias impulsionado as discussões teóricas e os desenvolvimentos pedagógicos na área do ensino de línguas. Concebendo a área da Linguística Aplicada na prática do ensino e aprendizado de línguas, as noções de *interação verbal*, *dialogismo* e ainda os *gêneros do discurso*, surge a necessidade de se discutir a noção de *gênero* na concepção dialógica da linguagem. Assim como ao enunciado, os textos do Círculo de Bakhtin tomam os *gêneros* a partir de sua historicidade e lhes atribuem a “[...] mesma natureza dos enunciados (natureza social, discursiva e dialógica), ao tomá-los como seus tipos históricos.” (RODRIGUES, 2005, p.163).

Rodrigues ainda nos alerta quanto ao risco de uma visão reducionista dos gêneros se não atentarmos para o real conceito que lhes são dados, a saber,

[...] uma tipificação social dos enunciados que apresentam certos traços (regularidades) comuns, que se constituíram historicamente nas atividades humanas, em uma situação de interação relativamente estável, e que é reconhecida pelos falantes. (RODRIGUES, 2005, p.164).

O gênero *relatório de pesquisa*, como dito previamente, está inserido num contexto bastante específico e associado ao trabalho desenvolvido nas Unidades de Ensino de Jovens e Adultos do município de Florianópolis, especialmente. Por apresentar uma configuração composicional ímpar – este gênero foi desenvolvido para aquele contexto específico – o relatório possui características bastante peculiares. Ele é a materialização da pesquisa realizada pelos alunos, ou seja, a reunião das inteligibilidades construídas por eles durante o processo de construção de sentidos através da leitura de textos diversos. Dessa forma, não é um gênero comumente encontrado em circulação na sociedade, principalmente, nos meios frequentados pelos alunos/sujeitos em questão.

Os *gêneros do discurso* possuem funções discursivo-ideológicas distintas, não dependendo suas diferenciações entre si somente de suas propriedades formais. Eles são relacionados às esferas da atividade e comunicação humanas, mais especificamente às situações de interação dentro de determinada esfera social e somente nessas situações de interação é que se pode captar a constituição e o funcionamento deles. Assim, tendo como centro do ensino e aprendizagem de nossa prática, o texto (oral e escrito), desenvolvemos um projeto didático que pretendeu contemplar uma variedade de gêneros discursivos (notícia, crônica e relatório de pesquisa) por meio da leitura dos textos materializados nesses gêneros (propondo questões de compreensão leitora), facultando aos alunos o desenvolvimento de suas competências discursivas.

O maior desafio encontrado no trabalho com esse tipo de gênero – relatório - (circulante, neste caso, somente no meio escolar da unidade EJA Norte III) é a inevitável adaptação ao público “receptor” e que passa a ser também produtor desse tipo de texto. Haja vista a dificuldade de leitura diagnosticada nas observações de aulas – os estudantes apresentam uma leitura apenas como decodificação e não como interpretação do texto, e muitas vezes não conseguem ler/entender aquilo que escrevem – fez-se necessário reavaliar o processo de construção dos relatórios já produzidos pelos alunos anteriormente e daqueles que ainda seriam produzidos. Esse trabalho levou em consideração os sujeitos situados social e historicamente, ou seja, suas vivências e conhecimentos prévios, realizando-se a cada nova informação adquirida sobre eles, adaptações necessárias ao andamento do trabalho.

Interessa-nos o trabalho com os gêneros do discurso e a teoria bakhtiniana em geral, por concebermos que as práticas pedagógicas (ao menos a maioria) envolvidas no ensino de língua materna nas escolas beiram a aplicação de fórmulas e até mesmo esqueletos nos quais os alunos aprendem a preencher as lacunas, tornando-se a produção textual, uma atividade mecânica e vazia de sentido. Desta forma, objetivou-se o empreendimento de um processo de elaboração didática por meio do qual nossas ações metodológicas mediassem a potencialização das habilidades de uso da língua oral e escrita por parte dos alunos.

Ou ainda, nas palavras de Faraco (2007, p. 50):

No processo de ser autor, temos de conseguir que o educando rompa com uma consciência linguística que Bakhtin chama de ptomolomaica (isto é, embora plurivocal, não se percebe como tal e está dogmaticamente dominada por vozes sociais incapazes de se verem pelos olhos de outras vozes do plurilinguismo), substituindo-a por uma consciência que Bakhtin chama de galileana, uma consciência linguística relativizada capaz de se ver pelos olhos da bivocalidade, pelo mútuo esclarecimento crítico das vozes sociais.

Geraldi (1997) considera a produção de textos (orais e escritos) como ponto de partida (e de chegada) de todo processo de ensino e aprendizagem da língua, pois é, sobretudo, nos textos, “que a língua - objeto de estudos - se revela em sua totalidade quer enquanto conjunto de formas e de seu reaparecimento, quer enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva constituída no próprio processo de enunciação marcada pela temporalidade e suas dimensões.” (GERALDI, 1997, p.135).

Dessa forma, o trabalho realizado no Núcleo EJA Norte III pautou-se primordialmente na tentativa de produção de discursos desse sujeitos/alunos por meio da leitura e confecção de textos.

4.1 PRODUÇÃO TEXTUAL

Privilegiar o estudo do texto, em sala de aula, ou em outros espaços, é aceitar o desafio do convívio com a instabilidade, com um horizonte de possibilidades de dizer que em cada texto se concretiza a em uma forma a partir de um trabalho de estilo [...] Um texto é sempre uma possibilidade dentre múltiplas possibilidades, mesmo consideradas as constrictões da situação em que é produzido. (GERALDI, 2010, p.140)

Segundo a concepção interacionista de ensino de língua, a produção de textos – tanto orais quanto escritos – compreende uma intenção comunicativa destinada a leitores reais, trabalhando a língua em suas condições reais, em sua concretude. Tal atividade, nessa perspectiva de uso social da língua, é parte importante no processo de ensino e aprendizagem da língua materna, sendo vista por Geraldi como um caminho para o que deve ser feito em sala de aula. Afinal, é por meio do texto – oral e escrito – produzido pelo aluno como indivíduo situado no mundo que se dá o compartilhamento de experiências, favorecendo ao aluno construir sua própria história, tornando-se capaz de articular ideias, produzir sentidos e agir sobre o mundo e sobre o outro, estando comprometido com o discurso proferido.

Dessa forma, Geraldi (2003 [1991]) ressalta a importância do compromisso do falante, escritor e produtor de sentidos com suas palavras e a capacidade de articulação dessas. Além de trazer para a discussão da língua portuguesa na escola, a distinção entre *redação* e *produção de textos*, o que para Geraldi está relacionado à sutileza do que se pretende construir e para quê. Nesse sentido, para que o texto efetivamente se preste à interação situada, visando à produção de sentidos, um texto, seja oral ou escrito, precisa que o aluno-sujeito:

- a) tenha algo a dizer;
- b) tenha uma razão para dizer;
- c) tenha para quem dizer;
- d) o locutor assumo-se enquanto sujeito comprometido com o que diz;
- e) escolha estratégias para dizer o que tem a dizer.

Segundo Geraldi (2003 [1991]), a escola está repleta de escrita, mas esvaziada de textos-enunciado. Esse esvaziamento traz uma série de questões ligadas ao fato de que a escola não está preocupada com o que o aluno tem a dizer e não busca estimular, na maioria das vezes, produções no sentido de ouvir um outro que tenha o que, como e por quê dizer algo para “outro(s)”. Este é um dos princípios básicos da linguagem: as pessoas utilizam-na para interação, para comunicação, isto é, por terem razões para dizer e conteúdo, obviamente; portanto não pode ser diferente na produção de textos – orais e escritos – na escola.

Os alunos precisam de “motivações” e não é isso que se tem observado, tendo em vista, atividades pontuais e sem sentido, que não incitam as reflexões e posturas críticas dos alunos, conduzindo-os para respostas cristalizadas, para uma visão de verdade absoluta na fala do professor e nos conteúdos escolares, sem perceber que há discursos e perspectivas diferentes em questão. Afinal, esse deveria ser o papel do professor, todavia Geraldi mostra que o “detentor do saber” acaba por ater-se a questões gramaticais e respostas prontas. Na concepção de Britto (1997), os papéis de *professor* e *aluno* precisam ser revistos, deixando de ser funções e passando a ser condições plenas de interlocutores, que operem com a linguagem de forma a possibilitar a construção de sentidos e não de reprodução de discursos cristalizados.

A partir dessa perspectiva, a produção textual na escola precisa favorecer a produção de discursos. Os alunos carecem de serem estimulados a desenvolverem atividades que façam parte das suas experiências vividas cotidianamente, de forma a contextualizá-las e torná-las mais significativas. Dessa forma, o aluno se marca como responsável pelo seu discurso.

O espaço observado e acompanhado na EJA Norte amplia as possibilidades⁶ de se propor aos alunos daquele contexto práticas de escrita (e de leitura) relevantes na concepção de textos como construção de projetos de dizer responsivos. Assim, a elaboração do Relatório de

⁶ Tendo em vista os moldes da Proposta Curricular e o caráter de pesquisa como meio educativo, posto que a organização dos encontros/aulas acontece de forma interdisciplinar e com acompanhamento de docentes que poderão incidir sobre problemas diagnosticados durante o processo de construção das pesquisas e elaboração dos Relatórios.

Pesquisa, exigido como pré-requisito para a conclusão de uma pesquisa construída pelos alunos, torna-se o lugar de interação possível. A produção textual implica, desse modo, a escrita social, que transcende a ideia de redação, assim

Aprender a escrever traz consigo suas dificuldades específicas. Escrever nunca é só um processo simples de transcrever a fala para a escrita ou traduzir as palavras faladas em signos escritos. Escrever difere do falar em muitos aspectos. [...] O principal problema da escrita é tornar-se consciente de seus próprios atos. Em suma, escrever significa *conscientizar-se da sua própria 'fala', ou seja, prestar atenção aos recursos linguísticos mobilizados ou mobilizáveis segundo o projeto de dizer definido para o texto em elaboração*. (GERALDI, 2010, p.169).

De tal modo, retoma-se a importância que destaca Geraldi a respeito de se construir com o aluno condições para que este tenha o que escrever, a quem escrever, razões para escrever e que desenvolva e expanda as estratégias para construir os *seus dizeres*. Redigir, construir ou elaborar um *Relatório* implica necessariamente no engajamento do aluno nessa atividade. E mesmo percebendo e assumindo os inúmeros entraves na busca pelo agenciamento dos recursos linguísticos e discursivos, empreendidos pelo corpo discente encontrado na EJA Norte, optou-se por uma empreitada que considera as dimensões intersubjetivas e intrassubjetivas de todo esse processo.

Ainda sobre as concepções de entrada do texto na sala de aula, a refacção textual insurge como necessidade, o que conduz à percepção de um urgente encaminhamento de tal prática no processo de ensino e aprendizagem, em que o professor assumir-se-ia ao mesmo tempo como interlocutor crítico e co-autor do texto do aluno, apontando caminhos para melhorias efetivas. A devolução da palavra faz com que o aluno conduza, ele próprio, seu processo de aprendizagem.

Todavia, durante a atividade de refacção proposta aos alunos, encontrou-se resistência devido à ausência desta no âmbito em questão. Entretanto, de maneira sutil, após todo um trabalho envolvendo a leitura de gêneros circulantes – crônica e notícia – e a prática de escrita em questões de compreensão leitora⁷, pôde-se chegar à ocupação central do projeto de intervenção, ou seja, a elaboração de *Relatórios de Pesquisa*.

A organização textual dos relatórios, como já citado anteriormente, foi precedida por um laborioso processo de apresentação da estrutura de um relatório, ainda que a deste tenha sido adaptada às necessidades do contexto. Em seguida, deu-se início ao acompanhamento da elaboração e da leitura de relatórios anteriores, a fim de se empreender a mencionada refacção. O processo de encontro dos alunos com o texto e da compreensão destes

⁷ Vide Apêndice B.

acerca das infindas possibilidades da escrita será abordado nas dimensões da análise linguística.

4.2 LEITURA

A discussão acerca da prática de leitura na escola se faz premente neste ensaio, haja vista o projeto desenvolvido durante o período de estágio no Núcleo EJA Norte III que teve como base o trabalho com gêneros do discurso e o foco na leitura e na produção de relatório de pesquisa. Conforme Geraldi,

[...] grande parte do trabalho com leitura é ‘integrado’ à produção em dois sentidos: de um lado ela incide sobre ‘o que se tem a dizer’, pela compreensão responsiva que possibilita, na contrapalavra do leitor à palavra do texto que se lê; de outro lado, ela incide sobre ‘as estratégias de dizer’ de vez que, em sendo um texto, supõe um locutor/autor e este se constitui como tal [...]. (GERALDI, 1997, p.165-166).

Dáí se entende que a atividade de leitura em sala de aula seja um processo interacional entre autor e leitor – não se tratando de atribuição de sentidos tampouco de extração de sentidos. Trata-se, conforme o autor, de construção de sentidos a partir do agenciamento dos “fios” tecidos pelo autor e dos “fios” tecidos pelo leitor. O leitor, conforme Geraldi, “vai ao texto” em busca de: apropriação de informações; estudo do texto; pretexto e/ou fruição. Esses quatro tipos de relações são exemplos de alternativas de entrada do texto no processo de ensino/aprendizagem que se centra na produção textual.

Ainda segundo Geraldi, quando se toma o sujeito na imanência (essência/dimensão intrasubjetiva) a leitura é uma atividade de localização de informação/interpretação/reflexão e avaliação. Por outro lado, tomando-se o sujeito na existência (dimensão intersubjetiva), a leitura é uma atividade que permite facultar ao aluno a mobilidade por esferas da atividade humana distintas das suas e implementar sua mobilidade social nas esferas da atividade em que já se move por meio de estabelecimento de interações instituídas por gêneros do discurso diversos.

4.3 ANÁLISE LINGUÍSTICA

A proposta de ação do projeto didático elaborado está inserida numa necessidade contextualizada: ao fim de cada pesquisa, na metodologia da Educação de Jovens e Adultos, os estudantes têm de elaborar um relatório que sintetize todo o processo de desenvolvimento e de consecução do trabalho. Em se tratando de uma atividade que exige o domínio da escrita, peculiaridades relacionadas a essa prática precisam ser explicitadas ao corpo discente, para que entraves da escrita sejam minimizados.

A função da escola é ensinar a modalidade padrão da língua, em especial sua expressão escrita, porquanto todos os alunos possuem uma gramática internalizada a partir da qual são falantes e têm conhecimento de uma estrutura complexa, que é sua língua materna. (POSSENTI, 2000).

Para fins de mobilidade social, o papel da escola não deve ser o de ensinar uma variedade no lugar da outra, “[...] mas de criar condições para que os alunos aprendam também as variedades que não conhecem, ou com as quais não têm familiaridade, aí incluída, claro, a que é peculiar de uma cultura mais ‘elaborada’.” (POSSENTI, 2000, p. 83).

Compreende-se por modalidade padrão a variedade da língua de prestígio, falada e escrita pelas classes de maior *status* social. Dentro daquela classificação, podem-se incluir arbitrariedades e convenções, como a ortografia, algumas nuances sintáticas que configuram as temidas “exceções” e as próprias taxionomias da metalinguagem.

Distanciar os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos desse conhecimento solidificado pela tradição é envolvê-los num processo de exclusão. Contudo, verifica-se impossibilidade pragmática no trabalho taxionômico quando o próprio objeto de estudo não é ainda de conhecimento de todos. Como ensinar uma linguagem escrita *sobre* a linguagem escrita se esta última ainda não foi apreendida?

A resposta é dialética: não fazê-lo; e fazê-lo gradativamente. A metodologia encontrada para o público-alvo do Núcleo EJA Norte, de Santo Antônio de Lisboa, envolveu reflexões sobre o uso da língua numa situação específica: a tecedura do relatório de pesquisa. A postura metodológica se construiu a partir do período de observação na turma selecionada para o estágio, bem como mediante o contato com os textos produzidos pelos alunos ao longo da programação escolar.

O estudo da gramática, visto como um conjunto de regras que especificam o uso e o funcionamento de uma língua, precisa estar situado de forma contributiva no trabalho com os textos. Estes conduzem a análise e em função deles recorre-se às determinações gramaticais, que possuem nomenclaturas próprias.

Nesse sentido, de acordo com os ensinamentos de Antunes (2003), a condução do estudo do texto pode recorrer a alguns aspectos relevantes da gramática. Seguindo essas diretrizes para o trabalho de encontro e interação na aula de português, algumas reflexões sobre a construção e estruturação do formato e do conteúdo do relatório de pesquisa foram incitadas. Elaborou-se um relatório modelo para fins didáticos, e, a partir dele, iniciaram-se as análises lingüísticas.

Antecedentemente às reflexões propriamente ditas, foi preciso explicitar à turma o formato do texto exigido como critério avaliativo no Núcleo, bem como a organização textual típica em frases e parágrafos.

Posteriormente, tentou-se direcionar as reflexões para os objetivos de clareza, coesão e coerência dos textos. Por isso tratou-se da função referencial dos substantivos, pois era necessário que os alunos tomassem conhecimento de que “[...] as coisas têm um nome e são referidas nos textos por esses nomes. Indicar adequadamente, para o nosso interlocutor, as coisas ou pessoas a que estamos nos referindo é uma das condições da clareza e da coerência dos textos.” (ANTUNES, 2003, p. 127) Nesse contexto, os nomes próprios apareceram com sua relevância de diferenciação, semanticamente e graficamente.

Quanto aos adjetivos, que cumprem no texto a função de delimitar a referência, de especificá-la e de situá-la, a abordagem se deu mais em função da concordância nominal, figurada como celeuma na prática de escrita do público-alvo.

No âmbito dos verbos, noções gerais de desinências modo-temporais e número-pessoais foram exploradas, mas isentas dessa taxionomia tradicional, apenas com o foco no uso de cada formação vocabular.

O uso de conjunções, de expressões relacionais e de partículas de transição, que promovem a coesão textual, levou as discussões ao reconhecimento das relações e de sua função lógica. Intentou-se explorar as relações semânticas que as mencionadas palavras produzem, o que pareceu de maior utilidade que simplesmente dizer se a conjunção é coordenativa ou subordinativa.

Nas produções escritas dos alunos, a que se teve acesso, verificou-se a troca constante de “mas” por “mais”, o que nos levou a provocar o estudo das diferenças de uso dessas palavras de grafias aproximadas. No entanto, não bastava “[...] saber que ‘mas’ é uma conjunção e, mais ainda, que é uma conjunção adversativa [...], é preciso que se saiba que efeitos se conseguem com esse ‘mas’.” (ANTUNES, 2003, p. 121).

Em suma, é pela análise dos usos da língua que se entende satisfatoriamente o funcionamento das unidades da gramática. “Por conseguinte, é preciso que se analise o

emprego dessas unidades em textos, para que se garanta seu uso com coerência e adequação comunicativa.” (ANTUNES, 2003, p. 121).

Outros tópicos de análise foram elencados durante o período de regência, como o uso dos *porquês* e as noções anafóricas na construção textual, as quais permitem a coerência entre orações e parágrafos e beneficiam a estética da escritura e leitura, proporcionando uma melhor comunicabilidade.

Por outro lado, para além do contexto da estrutura interna, imprescindível no agenciamento dos recursos linguísticos empregados em favor dos projetos de dizer dos alunos, foi preciso considerar as dimensões discursivas e linguísticas, em nível intersubjetivo (razões para dizer e a quem dizer) e intrassubjetivo (o que dizer e estratégias do dizer) – Geraldi (1997) - no processo de elaboração do Relatório de Pesquisa.

Considerando que

As ações linguísticas que praticamos nas interações em que nos envolvemos demandam estas reflexões, pois compreendem a fala do outro e fazer-se compreender pelo outro tem a forma do diálogo: quando compreendemos o outro, fazemos corresponder à sua palavra uma série de palavras nossas; quando nos fazemos compreender pelos outros, sabemos que às nossas palavras eles fazem corresponder uma série de palavras suas. (BAKHTIN, 1977, p.17).

Assim, a análise linguística pretende, sobretudo, referir-se a respeito de uma linguagem como objeto com o qual os indivíduos interagem, refletem e sobre o qual agem, considerando esses indivíduos como sujeitos situados em um tempo e espaço específicos, capazes de realizar ações com a linguagem e sobre a linguagem.

Conforme Britto (1997), sobre a demanda da análise linguística proposta por Geraldi como emergencial (2003 [1991]), o “[...] objetivo fundamental da análise linguística é a construção de conhecimento e não o reconhecimento de estruturas (o reconhecimento só é legítimo na medida em que participa de um processo de construção do conhecimento)”. Desse modo, assumindo uma concepção de língua como objeto/prática social e os sujeitos como historicamente situados é necessário propor um contexto em que a análise linguística seja realizada nas relações de leitura e de produção de textos (orais e escritos). A reflexão denominada epilinguística - como forma de se pensar a linguagem e as análises que se pode vir a fazer sobre ela- inclui ainda a análise das estratégias de como dizer o que se tem a dizer, levando em conta que os textos se constroem nas operações discursivas, sendo essas, “atividades de formulação textual”. E essa formulação textual exige três aspectos essenciais para assegurar uma configuração de compreensão: constituição de universos do enunciador, intenção comunicativa e constituição de significados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Permitir a intervenção política do sujeito no mundo em que vive é uma das premissas da Educação de Jovens e Adultos. Possibilitar essa mobilidade é conceber a instituição escolar como um “[...] poderoso instrumento social de produção de consciências e, na sociedade capitalista, constitui-se fundamentalmente como lugar de reprodução de um saber instituído [...]” (BRITTO, 1997, p. 104).

O projeto didático elaborado, não obstante a prévia definição - por parte dos docentes - do relatório de pesquisa como objeto de estudo, passou por uma análise de interesse dos agentes que compõem o processo de ensino e aprendizagem, quais sejam: as estagiárias, os alunos, a comunidade em que estes se inserem e os conhecimentos que possuem.

Quando diagnosticadas as demandas locais, a seleção de textos para o trabalho com a língua materna pôde ocorrer, com fins de remeter ao contexto de estágio a oferta de apreensão de realidades textualmente materializadas, às quais o público alvo demonstrava carecer de acesso. Verificou-se que a referida ausência de trânsito por entre os objetos textuais se dava por fatores vários, tanto de âmbito linguístico quanto extralinguístico.

Entretanto, as lacunas de acesso configuram apenas o primeiro fator analítico a respeito da ausência de práticas decorrentes do manuseio de materiais escritos, não podendo ser, dessa maneira, posto como fonte única do problema, uma vez que não elucida totalmente o não-acontecimento de práticas de leitura e escrita; também não soluciona abruptamente os entraves dos alunos acompanhados no Núcleo EJA Norte III. E esses percalços não podem ser rapidamente elididos por meio, somente, da consideração do acesso, tendo em vista que *eventos* são distintos de *práticas*: ter acesso não está diretamente relacionado à tecedura de relação de valor entre o contato com os materiais e a atribuição cultural e social de valores esperados em uma sociedade de intensa presença da escrita.

A esse respeito Street discorre

O conceito “eventos de letramento” é bastante interessante, uma vez que permite aos pesquisadores, da mesma forma que aos profissionais, focalizar uma situação específica em que as coisas estejam acontecendo, e em que se possa vê-las – esse é o evento clássico de letramento, em que conseguimos observar um evento que envolva a leitura e/ou a escrita, e do qual podemos começar a determinar as características [...]. Por outro lado, penso que exista também um problema: empregamos o conceito de *evento de letramento* de forma isolada, e ele permanece descritivo e – do ponto

de vista antropológico, nada nos diz sobre a forma em que os significados são construídos. (STREET, 2003, p.8)

E em seguida postula o conceito de práticas que é discutido também por Hamilton (2000) a partir da metáfora do *iceberg*, na qual a base submersa deste seriam as práticas e a parte visível, os eventos.

O conceito das práticas de letramento tenta tanto tratar dos eventos quanto dos padrões que tenham a ver com o letramento, tratando de associá-los a algo mais amplo, de uma natureza cultural e social. Parte dessa amplificação tem a ver com a atenção dada ao fato de que trazemos para um evento de letramento conceitos, modelos sociais relacionados à natureza que o evento possa ter, que o fazem funcionar, e que lhe dão significado. É impossível para nós chegar a esses modelos simplesmente permanecendo sentados sobre um muro com uma câmera de vídeo, observando o que estiver acontecendo. Aqui, surge uma outra questão etnográfica: temos que começar a falar com as pessoas, a ouvi-las e a associar a sua experiência imediata a outras coisas que possam também estar fazendo. (STREET, 2003, p.8)

Assim, compreende-se que as demandas implicadas em contextos como o observado e acompanhado no breve processo da Prática de Estágio I revestem-se de questões extremamente complexas. Oferece-se, entretanto, um ligeiro olhar acerca das urgências⁸ encontradas na EJA Norte e discutidas nesse ensaio, com o intuito de focalizar os problemas linguísticos ditos socialmente relevantes e de erigir projetos de intervenção que dêem conta de construir inteligibilidades em tais espaços.

⁸ Entraves nas práticas de leitura e de escrita, bem como dificuldades em fazer uso dos recursos linguísticos em seus projetos discursivos. O que foi apresentado nas seções de produção textual, leitura e análise linguística.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo (SP): Parábola Ed., 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1979].

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004[1929].

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília : MEC/SEF, 1998.

BRITTO, Luiz Percirval Leme. *A sombra do caos: ensino de língua X tradição gramatical*. São Paulo: Mercado das letras, 1997.

DUARTE, Nóris Eunice Wiener Pureza. **A abordagem do texto nas aulas de língua materna em duas realidades educacionais distintas – brasileira e unguaiá**. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2006.

FLORIANÓPOLIS, Prefeitura Municipal. **Estrutura, Funcionamento, Fundamentação e Prática na Educação de Jovens e Adultos**. Florianópolis: Secretaria de Educação, 2008.

FLORIANÓPOLIS, Rede Municipal de Ensino. **Proposta Curricular**. Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretaria Municipal de Educação: Departamento de Educação Fundamental, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. Autor e Autoria. In: BRAIT, Beth. (Org.) **Bakhtin Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Linguagem e Diálogo – As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. O estatuto da análise e interpretação dos textos no quadro do círculo de Bakhtin. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Raquel; COUTINHO,

Antónia. (Org.) **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas.** Campinas/SP: Mercados da Letras, 2007.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **O texto na sala de aula.** 3 ed. São Paulo: Ática, 1999.

HAMILTON, Mary. Expanding the New Literacy Studies. In: BARTON, D; HAMILTON, M; IVANIC, Roz. **Situated literacies.** London: Routledge, 2000.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, produção de textos e a escola:** reflexões sobre o processo de letramento. Campinas: Mercado de Letras, 1994.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas: ALB, Mercado de Letras, 2000.

RODRIGUES, Rosângela H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desiree. (Org.) **Gêneros: teorias, métodos e debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Estudos Temáticos.** Florianópolis: IOESC, 2005.

_____. **Proposta Curricular de Santa Catarina (Educação de Jovens e Adultos).** Florianópolis: IOESC, 1998.

STREET, Brian. **Abordagens Alternativas ao Letramento e Desenvolvimento.** TELECONFERÊNCIA UNESCO BRASIL SOBRE “LETRAMENTO E DIVERSIDADE”, outubro de 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Relato de observações

Campo de Observação: EJA Santo Antônio de Lisboa – E.B.M. Paulo Fontes

Período: 28/09/2011 a 05/10/2011

Horário: 18:00h às 21:45h

28/09 – Quarta-feira: Por noite, trabalham em torno de 03 a 04 professores com a turma. Eles se dividem entre a sala informatizada e a sala de ensino regular. Os alunos têm o horário das 18 às 19h para utilizar os computadores de forma livre. Das 19h em diante o trabalho é voltado para as pesquisas realizadas em grupos de no mínimo duas pessoas. Cada grupo possui uma pasta que contém textos impressos sobre a pesquisa e um caderno no qual constam: a justificativa da pesquisa, hipóteses e o mapa conceitual. Assistimos à apresentação do cartaz do grupo que pesquisava sobre as “Ervas Medicinais encontradas em SC”. Notamos que os questionamentos realizados pelo corpo docente gravitavam em torno dos aspectos estéticos do trabalho e apenas um integrante do grupo respondia às perguntas. No segundo momento da aula, restaram poucos alunos na sala.

29/09 – Quinta-feira: Conhecemos a professora de português e tivemos acesso ao material textual produzido por esses alunos, o que nos permitiu perceber as dimensões das dificuldades e necessidades no que concerne à leitura e à produção textual, além das questões de análise linguística. Assistimos à socialização do cartaz do grupo que pesquisava sobre a série “Sobrenatural”, com a questão de pesquisa: “Como é a série Sobrenatural?” e outra vez, percebemos que as intervenções dos professores se davam mais no sentido estético e de forma mais superficial. Os alunos, em geral, prestaram atenção na apresentação dos colegas, apesar de apenas um membro do grupo ter tentado explicar a problemática com inúmeras dificuldades de organização de suas falas. A presença dos alunos em sala é bastante oscilante, há momentos em que trabalham, mas geralmente, são os mesmos grupos que desenvolvem suas pesquisas, enquanto os outros conversam ou saem da sala.

03/10 – Segunda-feira: Os alunos têm autonomia para executar seus trabalhos. Porém, em vários momentos vimos professores pegarem as pastas e entregarem as folhas nas mãos dos alunos. Muitos saem da sala de aula a todo o momento e acabam não fazendo nada durante toda a aula.

04/10 – Terça-feira: Conhecemos a professora de espanhol. Ela contou-nos da sua experiência no trabalho com jovens e adultos e de como o projeto do município de Florianópolis é inovador por conta do trabalho com pesquisas. Os alunos estavam excessivamente agitados, possivelmente devido à presença de tal professora que, parece redefinir a organização das aulas e o andamento das pesquisas dos alunos. Os discentes, em sua maioria, realizavam cópias, sendo orientados pelos professores. Tivemos acesso ao ensaio final da apresentação do grupo que pesquisou sobre “Travis Pastrana” e, percebemos inúmeros problemas estruturais e formais no texto do aluno, o que nos fez perceber ainda mais a urgência em trabalhar com a leitura e a produção textual, a fim de incidir sobre os problemas de compreensão dos fatores de textualidade (o que torna um texto inteligível?), imprescindíveis ao entendimento de um material textual escrito ou oralizado.

Os docentes do Núcleo sugeriram que a nossa prática fosse pautada na produção de relatório de pesquisa (texto produzido pelos discentes a cada final de pesquisa). Eles disponibilizaram-nos um roteiro, contendo orientações acerca da configuração composicional exigida nesse contexto, para produção desse gênero. Verificou-se que, a partir da tipologia textual de caráter dissertativo, predominante no gênero em questão, os alunos tecem o texto em função das respostas às perguntas formuladas para a realização da pesquisa e da síntese das informações mais relevantes com ela adquiridas.

05/10 – Quarta-feira: Assistimos à apresentação final de um dos alunos. O tema da pesquisa era “Como se faz um filme?”. O estudante se expressava com certa dificuldade e não parecia ter um roteiro de apresentação. O professor-orientador o auxiliou diversas vezes. Os filmes utilizados para ilustrar a apresentação foram selecionados pelo próprio professor e não pelo estudante. Ao final, os outros alunos que assistiam à apresentação teceram comentários e opiniões a respeito do trabalho apresentado.

APÊNDICE B - Projeto didático



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PRÁTICA DE ENSINO I

Projeto didático: A heterogeneidade em favor dos discursos circulantes⁹

1. Justificativa

Notadas as particularidades da Educação de Jovens e Adultos, em virtude de sua dinâmica sócio-cultural, a proposta que segue tem por escopo oportunizar aos alunos do Núcleo EJA Norte – Unidade de Santo Antônio - encontros com discursos socialmente constituídos e deslocamento entre estes, tendo por base sempre que “a presença do texto na sala de aula implica desistir de um ensino como transmissão de um conhecimento pronto e acabado (GERALDI, 2010, p. 116).” Com base nesse preceito e na orientação de Antunes (2005), o professor precisa ocupar a função construtiva e dialógica de alguém que, juntamente com os alunos, pesquisa, observa, analisa, reflete, descobre e aprende.

A partir desses pressupostos - aliados ao fato de que a relação pedagógica se dará com sujeitos detentores de assinaladas experiências vitais que não podem ser ignoradas -, o plano de ensino em pauta organizar-se-á em unidades temáticas que visem à mobilidade textual/social dos estudantes, a qual consiste no conhecimento do conjunto dos enunciados historicamente definidos e construídos, bem como dos recursos linguísticos possíveis nos gêneros textuais.

2. Organização temática

Unidade I – *Os gêneros crônica e notícia atuantes no desenvolvimento da competência de leitura e escrita*

⁹ Projeto elaborado pelas acadêmicas Kamila Caetano Almeida, Sabrina da Costa Dalla Rosa e Suziane da Silva Mossmann, do curso de Letras Português, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Conteúdo: Crônicas de Luis Fernando Verissimo e notícia *Pais não revelam sexo de sua criança de dois anos e meio*.

Objetivos:

- Ler os textos selecionados: *O homem trocado* e *As mentiras que os homens contam*, de Luis Fernando Verissimo; *Pais não revelam sexo de sua criança de dois anos e meio*, notícia publicada em meio eletrônico.
- Entender as distinções entre os gêneros, no tocante ao meio de circulação do texto, ao suporte e ao público-alvo;
- Perceber as diferenças estruturais/formais dos dois gêneros;
- Reconhecer, de forma geral, particularidades lexicais e sintáticas em cada texto;
- Exercitar a capacidade de compreensão leitora nos textos em estudo.

Desenvolvimento:

Atividades

- Apresentação de slides;
- Exibição de vídeos;
- Leitura das crônicas de Verissimo e da notícia veiculada na revista “Época”;
- Entrega das questões de compreensão leitora;
- Resolução das questões de compreensão leitora.

Metodologia

Etapa I (Dia 18/10/2001)

- Iniciar a oficina, explicando a importância da leitura e da escrita para a elaboração e desenvolvimento das pesquisas realizadas pelos alunos da EJA.
- Realizar a leitura silenciosa da crônica “O homem trocado”.
- Realizar a leitura em voz alta.
- Promover uma discussão acerca do texto lido: questionar os alunos se conheciam a crônica, se já haviam lido algum texto semelhante, explicar sobre o gênero e suas particularidades - como circula na sociedade, quais as intenções do autor, que linguagem utiliza.
- Promover a leitura silenciosa de texto didático de apoio sobre As leis de Murphy.
- Apresentar o vídeo selecionado com exemplos da Lei de Murphy.
- Realizar um breve debate sobre as Leis de Murphy, sobre o contexto trazido por Luis Fernando Verissimo na crônica “O homem trocado” e sobre alguns exemplos práticos ocorridos na vida dos alunos.
- Realizar atividades de compreensão leitora, por meio de questões orientadoras da leitura.

Etapa II (Dia 19/10/2011)

- Iniciar a aula retomando as discussões do dia anterior.
- Questionar os alunos sobre as dificuldades encontradas.
- Apresentar slides sobre o gênero notícia e explicar as diferenças entre a crônica e a notícia, a fim de demonstrar as intencionalidades, as particularidades desses gêneros e as diferentes leituras de mundo que se pode realizar.
- Realizar a leitura silenciosa da notícia *Pais não revelam sexo de sua criança de dois anos e meio*.
- Realizar a leitura em voz alta.
- Promover uma breve discussão sobre o texto lido.
- Realizar atividades de compreensão leitora, por meio de questões orientadoras da leitura.
- Realizar a leitura em voz alta da crônica *As mentiras que os homens contam* e ir explicando trechos mais complexos ou palavras desconhecidas aos estudantes.
- Entregar questões de compreensão leitora para serem lidas e resolvidas em casa como Hora de Produção Externa (HPE).
- Finalizar a segunda etapa das atividades sobre a leitura e a escrita em favor dos projetos de pesquisa dos alunos, solicitando que esses escrevam um comentário sobre o que aprenderam nessa oficina .

Recursos Didáticos

- Projetor multimídia, *slides (power point)*, audiovisual, cópias das crônicas, cópias da notícia, cópias das questões de compreensão leitora.

Anexos da Unidade I

Anexo A

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

NÚCLEO: SANTO ANTÔNIO II CICLO

ALUN@:

CRÔNICA

[O HOMEM TROCADO](#) (LUIS FERNANDO VERISSIMO)

O homem acorda da anestesia e olha em volta. Ainda está na sala de recuperação. Há uma enfermeira do seu lado. Ele pergunta se foi tudo bem.

- Tudo perfeito - diz a enfermeira, sorrindo.

- Eu estava com medo desta operação...
- Por quê? Não havia risco nenhum.
- Comigo, sempre há risco. Minha vida tem sido uma série de enganos...

E conta que os enganos começaram com seu nascimento. Houve uma troca de bebês no berçário e ele foi criado até os dez anos por um casal de orientais, que nunca entenderam o fato de terem um filho claro com olhos redondos. Descoberto o erro, ele fora viver com seus verdadeiros pais. Ou com sua verdadeira mãe, pois o pai abandonara a mulher depois que esta não soubera explicar o nascimento de um bebê chinês.

- E o meu nome? Outro engano.
- Seu nome não é Lírio?
- Era para ser Lauro. Se enganaram no cartório e...

Os enganos se sucediam. Na escola, vivia recebendo castigo pelo que não fazia. Fizera o vestibular com sucesso, mas não conseguira entrar na universidade. O computador se enganara, seu nome não apareceu na lista.

- Há anos que a minha conta do telefone vem com cifras incríveis. No mês passado tive que pagar mais de R\$ 3 mil.

- O senhor não faz chamadas interurbanas?
- Eu não tenho telefone!

Conhecera sua mulher por engano. Ela o confundira com outro. Não foram felizes.

- Por quê?
- Ela me enganava.

Fora preso por engano. Várias vezes. Recebia intimações para pagar dívidas que não fazia. Até tivera uma breve, louca alegria, quando ouvira o médico dizer:

- O senhor está desenganado.

Mas também fora um engano do médico. Não era tão grave assim. Uma simples apendicite.

- Se você diz que a operação foi bem...
- A enfermeira parou de sorrir.
- Apendicite? - perguntou, hesitante.
- É. A operação era para tirar o apêndice.
- Não era para trocar de sexo?

(VERISSIMO, Luis Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio De Janeiro: Objetiva, 2005.)

Anexo B
 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
 NÚCLEO: SANTO ANTÔNIO II CICLO
 ALUN@:

Notícia:

Pais não revelam sexo de sua criança de dois anos e meio

Revista Época

02/07/2009 | 11:43 | KATIA MELLO | **FAMÍLIA** | GÊNERO, MATERNIDADE, SUÉCIA



Alguns pais decidem não querer saber o sexo da criança durante a gestação. Esperam pela hora do parto para descobrirem se é um menino ou uma menina. Um casal de 24 anos na Suécia levou esta prática além dessa realidade. Eles se recusam a dizer o sexo de sua criança (na foto acima), que já tem dois anos e meio de idade. “Queremos que Pop cresça com maior liberdade e que não seja forçado a um gênero que o/a moldará”, disse a mãe. Pop (um nome fictício para proteção da criança) usa vestidos e também calças masculinas e seu cabelo muda do estilo feminino para o masculino a cada manhã. Apesar de Pop saber as diferenças entre um menino e uma menina, os pais se recusam a adotar pronomes para chamar a criança. A controversa atitude do casal gerou um intenso debate no país.

O jornal sueco que entrevistou os pais, *The Local*, conversou com a pediatra sueca Anna Nodenström do Instituto Karolinska sobre os efeitos a longo prazo no comportamento da criança. “Afetará a criança, mas é difícil de dizer se fará mal a ela”, diz a pediatra. “Não sei o que os pais querem com isso, mas certamente ela será diferente”, completou. Anna ainda afirmou que quando Pop entrar na escola, se seu gênero ainda for desconhecido, ela chamará muito a atenção dos coleguinhas.

A psicóloga canadense Susan Pinker autora do livro *The Sexual Paradox*, também entrevistada pelo jornal sueco, disse que será difícil manter incógnito o sexo da criança por muito mais tempo. “As crianças são curiosas sobre suas identidades e tendem a gravitar em torno das de mesmo sexo no começo da infância”.

Pop logo ganhará um irmãozinho ou irmãzinha, porque a mãe está grávida. Ela afirmou que irão revelar o gênero “quando Pop quiser”.

E vocês, acreditam que esconder o gênero de uma criança é saudável?

Anexo C

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

NÚCLEO: SANTO ANTÔNIO II CICLO

ALUN@:

Crônica:

As mentiras que os homens contam – Introdução

Luis Fernando Verissimo

Nós nunca mentimos. Quando mentimos, é para o bem de vocês. Verdade. Começa na infância, quando a gente diz para a mãe que está sentindo uma coisa estranha, bem aqui, e não pode ir à aula sob pena de morrer no caminho. Se fôssemos sinceros e disséssemos que não tínhamos feito a lição de casa e por isso não podíamos enfrentar a professora, a mãe iria ter uma grande decepção. Assim, lhe dávamos a alegria de se preocupar conosco, que é a coisa que mãe mais gosta, e a poupávamos de descobrir a nossa falta de caráter. Melhor um doente do que um vagabundo. E se ela não acreditasse, e nos mandasse ir à escola de qualquer jeito, ainda tínhamos um trunfo sentimental. “Então vou ter que inventar uma história para a professora”, querendo dizer vou ter que mentir para outra mulher como se ela fosse você. “Está bem, fica em casa estudando!” E ficávamos em casa, fazendo tudo menos estudar, dando-lhe todas as razões para dizer que não nos aguentava mais, que é outra coisa que mãe também adora.

A primeira namorada. Mentíamos para preservar nosso orgulho. Certo?

- Não, não, eu estava passando por acaso. Você acha que eu fico rondando a sua casa o dia inteiro, é?

Mas o que vocês pensariam se nós disséssemos: “Sim, sim, não posso ficar longe de você, penso em você o dia inteiro, aqueles telefonemas que você atende e ninguém fala, sou eu! Confesso, sou eu! Vamos nos casar! Eu sei só tenho 12 anos e você 11, mas temos que nos casar! Senão eu morro. Senão eu morro!”? Vocês se assustariam, claro. A paixão nessa idade pode ser um sumidouro. Mentíamos para nos proteger do sumidouro.

Outras namoradas. Outras mentiras.

- Eu só quero ver, juro. Não vou tocar.

Vocês não queriam ser tocadas, mas ao mesmo tempo se decepçionariam se a gente nem tentasse. Nem desse a vocês a oportunidade de afastar a nossa mão, indignadas ou de descobrir como era ser tocada.

Namorar – pelo menos no meu tempo, a Renascença – era uma lenta conquista de territórios hostis, como a dos desbravadores do novo mundo. Avançávamos no desconhecido, centímetro a centímetro, mentira a mentira.

- Pode, mas só até aqui.
- Está bem. Não passo daí.
- Jura?
- Juro.
- Você passou! Você mentiu!
- Me distraí!

Dávamos a vocês todos os álibis, todas as oportunidades para dizer depois de tudo que acontecera devido a nossa calhordice e não à vontade de vocês também sentiam. Não mentíamos para vocês, mentíamos por vocês. Os verdadeiros cavalheiros eram os que enganavam as mulheres. Os calhordas diziam, abjetamente, a verdade. Não faziam o que juravam que não iam fazer, transferindo toda a iniciativa a vocês. É ou não é?

Mas isso tudo mudou, desgrazadamente bem quando eu deixei para trás as tentações do mundo e entrei para uma ordem (a dos monógamos). A revolução sexual, que um dia ainda vai ser comemorada como a Revolução Francesa, com a invenção da pílula anticoncepcional correspondendo à queda da Bastilha e o fim dos sutiãs ao fim da monarquia – e o termo *sans culote*, claro, adquirindo novo significado –, tornou o relacionamento entre homens e mulheres mais fraco e desobrigou os homens a mentir para as mulheres para salvar a honra delas. Aliás, dizem que a coisa virou de tal maneira que hoje a mentira mais comum dita pelos homens é “Esta noite não, querida, estou com dor de cabeça”. Não sei. Mas continuamos mentindo a vocês para o bem de vocês.

“Rmmwlmnswl” não significa que nós estamos fingindo dormir com medo de ir ver que barulho é aquele na sala. Significa que estamos fingindo dormir para que você vá ver com seus próprios olhos que não é nada e pare com esses temores ridículos, e se for mesmo um ladrão nos avise a tempo de pular pela janela.

“Fiquei fazendo companhia ao Almeidinha, coitado, ele ainda não se refez” significa que a nova gata do Almeidinha só saía com ele se ele conseguisse um par para a prima dela, e nós fazemos tudo por um amigo, mas não queremos estragar a ilusão de vocês de que a separação deixou o Almeidinha arrasado, como ele merecia.

“Está quase igual ao da mamãe” significa que não chega aos pés do que a mamãe fazia, ou então que está muito melhor, mas que o importante é vocês não se sentirem nem tão ressentidas que decidam atirar o doce na nossa cabeça e depois se arrependam, nem tão

confiantes que parem de tentar ser iguais à mamãe, e no dia que a gente disser que está sentindo uma coisa estranha bem aqui, só para não ir trabalhar e ficar vendo o programa da Xuxa, vocês não digam “Comigo essa não pega” e nos botem na rua.

Anexo D

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

NÚCLEO: SANTO ANTÔNIO II CICLO

ALUN@:

Crônica “O Homem Trocado” de Luis Fernando Verissimo

Questões de Compreensão Leitora

1- A crônica “O homem trocado”, de Luis Fernando Verissimo, apresenta um personagem recém-operado preocupado com alguns enganos que ocorreram ao longo de sua vida. Localize esses enganos e explique a partir deles o título da crônica escolhido por Verissimo.

2- Explique a passagem da crônica em que o autor escreve: “Até tivera uma breve, louca alegria, quando ouvira o médico dizer: - O senhor está desenganado.” Por que essa alegria foi considerada “breve” e “louca”?

3- Há uma frase popular que afirma que “Se alguma coisa pode dar errado, com certeza dará”. Essa frase pertence a um conjunto de princípios conhecidos como Lei de Murphy. Como se pode relacionar o personagem Lírio a essa curiosa Lei? Em que momento do texto de Verissimo se percebe que a Lei encontrou Lírio outra vez?

Anexo E

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

NÚCLEO: SANTO ANTÔNIO II CICLO

ALUN@:

Notícia: “Pais não revelam sexo de sua criança de dois anos e meio”

Questões de Compreensão Leitora

1- Pop é nome fictício de uma criança, da qual não se sabe o sexo. Por que motivos os pais não querem revelar se Pop é menino ou menina?

2- A notícia veiculada na revista digital “Época” traz um tema bastante polêmico. Porque esse tema é considerado polêmico em nossa sociedade?

- 3- Explique o trecho a seguir: “Apesar de Pop saber as diferenças entre um menino e uma menina, os pais se recusam a adotar pronomes para chamar a criança.”
- 4- Depois de refletir um pouco sobre a atitude dos pais de Pop, o que você acha sobre essa atitude? Será saudável ou não? Comente sua resposta.

Anexo F

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

NÚCLEO: SANTO ANTÔNIO II CICLO

ALUN@:

Crônica – “As mentiras que os homens contam” – Luis Fernando Verissimo

Questões de Compreensão Leitora

- 1- Na crônica que introduz o livro “As mentiras que os homens contam”, Verissimo trata de algumas mentiras contadas pelos homens. Que mentiras são essas?
- 2- Qual a diferença entre os cavalheiros e os calhordas na crônica de Verissimo?
- 3- Explique o trecho abaixo:
“Aliás, dizem que a coisa virou de tal maneira que hoje a mentira mais comum dita pelos homens é “Esta noite não, querida, estou com dor de cabeça”. Não sei. Mas continuamos mentindo a vocês para o bem de vocês.”
- 4- “As mentiras que os homens contam” é uma crônica bem-humorada que retrata algumas situações engraçadas entre homens e mulheres, na perspectiva masculina, nas relações do cotidiano. Você já teve que contar alguma mentira para o “bem” de alguém conforme escreve Verissimo? Conte-nos.

Anexo G

Leis de Murphy

O criador dessa lei foi o capitão da Força Aérea americana, Edward Murphy, e também foi a primeira vítima conhecida de sua própria lei. Ele era um dos engenheiros envolvidos nos testes sobre os efeitos da desaceleração rápida em piloto de aeronaves.

Para poder fazer essa medição, construiu um equipamento que registrava os batimentos cardíacos e a respiração dos pilotos. O aparelho foi instalado por um técnico, mas simplesmente ocorreu uma pane, com isso Murphy foi chamado para consertar o equipamento, descobriu que a instalação estava toda errada, daí formulou a sua lei que dizia: “Se alguma coisa tem a mais remota chance de dar errado, certamente dará”.

As principais Leis de Murphy:

- * Se alguma coisa pode dar errado, dará. E mais, dará errado da pior maneira, no pior momento e de modo que cause o maior dano possível.
- * Todo corpo mergulhado numa banheira faz tocar o telefone.
- * A informação mais necessária é sempre a menos disponível.
- * O pessimista se queixa do vento, o otimista espera que ele mude, o realista ajusta as velas e quem conhece Murphy não faz nada.
- * A fila do lado sempre anda mais rápido.
- * Se você está se sentindo bem, não se preocupe. Isso passa.
- * Se a experiência funcionou na primeira tentativa, tem algo errado.
- * Você sempre acha algo no último lugar que procura.
- * Toda partícula que voa sempre encontra um olho.
- * Se está escrito Tamanho único, é porque não serve em ninguém.

- * Não é possível sanar um defeito antes das 17 e 30h da sexta-feira. O defeito será facilmente sanado as 9 e 01h da segunda-feira.
- * A probabilidade de o pão cair com o lado da manteiga virado para baixo é proporcional ao valor do carpete.
- * O gato sempre cai em pé.
- * Não adianta amarrar o pão com manteiga nas costas do gato e o jogar no carpete. Provavelmente o gato comerá o pão antes de cair em pé.

Fonte: < <http://www.brasilecola.com/curiosidades/lei-murphy.htm> > Acesso em 12 de out. 2011.

Anexo H – Vídeos do You Tube

<http://www.youtube.com/watch?v=xRqsXvC25IM&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=sShz8o5rOSE>

Unidade II – *O relatório de pesquisa inserido na realidade da EJA e as intencionalidades dissertativas*

Conteúdo: Familiarização com o gênero relatório de pesquisa, de acordo com as necessidades da programação pré-estabelecida para a turma, e correlações com o texto dissertativo.

Objetivos:

- Reconhecer o relatório de pesquisa como um gênero com características próprias;
- Descobrir como deve se organizar estruturalmente o relatório específico para o caso em questão, identificando suas partes constituintes e particularidades;
- Analisar o texto dissertativo, observando-o como componente necessário para a facção do relatório posteriormente exigido.

Atividades

- Apresentação de slides;
- Leitura de texto dissertativo;
- Entrega de esquema sobre o Relatório de Pesquisa;
- Análise de texto dissertativo e de seus aspectos estruturais e formais.

Metodologia

(Dias 20 e 21/10/2011)

- Iniciar a aula, explicando a importância de se compreender os objetivos de realização de uma pesquisa.
- Explorar o desenvolvimento das etapas de realização de uma pesquisa e a importância dos recursos linguísticos utilizados.
- Abordar a organização estrutural específica do gênero “Relatório de Pesquisa”, enfatizando os aspectos de intencionalidade do autor, as estratégias linguísticas utilizadas e o público –alvo.

- Entregar esquema de Relatório de Pesquisa.
- Realizar a leitura do esquema, explicando aos alunos as etapas de elaboração de um projeto de pesquisa (no *PowerPoint*).
- Promover leitura silenciosa de texto dissertativo adaptado para fins didáticos.
- Promover leitura em voz alta do mesmo texto.
- Explicar pontualmente as estratégias linguísticas e discursivas utilizadas pelo autor (sem nomeá-las tecnicamente).
- Solicitar aos alunos que escrevam comentário sobre o que aprenderam na oficina.

Recursos Didáticos

- Projetor multimídia, *slides (power point)*, cópias do texto dissertativo adaptado , cópias do esquema.

Anexos da Unidade II

Anexo A

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

NÚCLEO: SANTO ANTÔNIO II CICLO

ALUN@:

Na nossa vida cotidiana estamos sempre sendo solicitados a dar nossa opinião sobre os mais variados assuntos: na vida afetiva, profissional, familiar, política e religiosa. Sobre todos os assuntos sempre temos nosso ponto de vista, nossas idéias, nosso modo de encarar e julgar. E fazemos isso a toda hora, em conversas, diálogos, debates, discussões, entrevistas. Isso na linguagem oral, na fala. Na linguagem escrita também podemos perceber e emitir pontos de vista, idéias e opiniões. Observe o texto a seguir.

O casamento atual

Anna Narbone de Faria

O casamento atual, como todas as demais instituições, sofreu incríveis modificações. Se a moça ainda aguarda o cavaleiro montado em um corcel branco e que a faça feliz para toda a vida, vai morrer de velha, nessa espera.

O cavaleiro se desmistificou. Já não vem mais montado, mas sim a pé sofrendo as agruras de um mercado de trabalho cada vez mais difícil para o homem e mais exigente com a sua capacidade.

A mulher tem mais condições de trabalho, por aceitar ganhar menos, trabalhar em qualquer hora, deixando de ver reconhecidas, pelas suas necessidades, as suas qualidades de operária.

O casamento já não diz mais "até que a morte nos separe", pelo menos não se pensa assim, e nem o homem diz para a mulher "mulher minha não trabalha fora de casa". A família é sustentada pelos dois, ou pelo trabalho da mulher quando o homem fica desempregado. Também os casais já não têm uma casa grande, muito menos quatro a seis filhos para educar. A vida atual exigiu que o apartamento de dois ou três quartos fosse a morada da família. Os pais trabalham, os filhos ficam por conta da avó, ou permanecem sozinhos, ou em cursos que auxiliam sua vida escolar. Raramente, a família se encontra durante a semana..

Dentro dessas modificações, fica mais fácil a separação quando as desavenças aparecem. E é nesse exato momento que se vê, realmente, que o casamento não foi feito para durar, mas para produzir felicidade. Desde os filhos, todos querem ser felizes. Se não há entendimento, melhor viver separados do que juntos e infelizes. Os próprios filhos, quando adolescentes, são os que pedem aos pais pela sua separação, tendo em vista as brigas constantes.

A separação é um mal necessário. Todavia, ela precisa respeitar as pessoas que fazem parte da família. É necessário estabelecer um critério para a pensão alimentícia, pois os filhos precisam continuar estudando no lugar onde foram matriculados, sem que sejam retirados dos colégios que frequentam, tudo por uma vingança do pai para com a mãe ou vice-versa. Os filhos precisam continuar a contar com a presença dos pais e seus problemas continuam a ser tão importantes quanto eram, quando a família estava unida. O pai e a mãe têm o direito de procurar novos

companheiros, pois é imposição da nova sociedade. Por sua vez, precisam ser respeitados pelos antigos companheiros, porque de nada são culpados.

A família nunca se separa, nem se desestrutura. Quem se separa são as pessoas. E essas só se desestruturam se não avaliarem bem as suas responsabilidades perante a família.

Anna Narbone de Faria é advogada, especialista em Direito de Família.

Atividade:

Assinale a alternativa que melhor expressa o significado das palavras grifadas:

1. “O casamento atual, como todas as demais instituições...”

- a) Festas familiares.
- b) Organizações sociais.
- c) Encontro de amigos.

2. “O cavaleiro se desmistificou”.

- a) deixou de ser sonho, fantasia.
- b) Tornou-se um herói inatingível.
- c) Veio montado em um lindo cavalo branco.

3. “É necessário estabelecer um critério.”

- a) Uma norma a seguir.
- b) Uma idéia a respeito de algo.
- c) Uma sugestão às pessoas.

Refleta sobre o texto lido e assinale a alternativa correta existente em cada questão:

1. No primeiro parágrafo, a autora afirma que o casamento

- a) sofreu grandes transformações
- b) é uma instituição falida
- c) ainda consegue levar muitos jovens para o altar.

2. Ao escrever sobre o trabalho, tanto do homem como da mulher, a autora constata que

- a) mesmo desempregado, o homem vive bem.
- b) há pouca exigência no mercado de trabalho.
- c) para a mulher, conseguir um trabalho é mais fácil porque ela aceita trabalhar por um salário baixo.

Anexo B

Relatório de Pesquisa - Técnicas para a construção de um bom texto dissertativo

Como elaborar um Relatório de Pesquisa

Estrutura

Cabecalho

- ⊙ Escola Paulo Fontes - Educação de Jovens e Adultos - Núcleo Santo Antônio
- ⊙ Professor Orientador:
- ⊙ Equipe de Pesquisa:
- ⊙ Ciclo:
- ⊙ Data para entrega:

Tema e problemática

- ⊙ É o assunto sobre o qual foi desenvolvida a pesquisa e o ponto de vista assumido;
- ⊙ A problemática é a questão que deu origem à pesquisa;
- ⊙ É uma ideia que apresenta começo, meio e fim
- ⊙ Exemplo:
- ⊙ Problemática: Por que as mulheres vivem mais do que os homens?
- ⊙ Tema: Pesquisas comprovam que, a cada ano, a estimativa de vida das mulheres aumenta em relação à dos homens.

Estrutura do Relatório de Pesquisa

É composto por três partes:

Introdução:

Na introdução, o leitor define e apresenta o tema a ser discutido; posiciona-se a respeito de tal tema, preparando o leitor para as ideias a serem desenvolvidas no corpo do trabalho. A parte introdutória deve ser breve, precisa e clara.

Desenvolvimento:

No desenvolvimento são abordados, o tema e os enfoques a serem examinados, interpretados, discutidos, defendidos/rebatidos (ou as duas coisas). É no desenvolvimento que o autor apresenta opiniões, exemplos, provas, e dados que possam reforçar seus argumentos em defesa ou contestação de determinado(s) ponto(s) de vista. Desenvolver as principais ideias levantadas no mapa conceitual.

Exemplo: No desenvolvimento precisam estar as respostas para as principais perguntas que estão no mapa conceitual:

- ⊙ Quais as principais diferenças biológicas entre homens e mulheres?
- ⊙ Qual a estimativa de vida de homens e mulheres?

- ⊙ Quais as diferenças entre a rotina da mulher e a rotina do homem?

Conclusão: É na conclusão que o autor sintetiza o seu texto, colocando sua opinião de forma impessoal.

Conclusão: “É na conclusão que você coloca a sua opinião sobre a pesquisa e diz se suas hipóteses foram ou não confirmadas.”

Referências: As referências são as fontes (livros, páginas da internet, revistas, etc.) que você usou para realizar a sua pesquisa. Elas devem aparecer no final do texto, após a conclusão.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Porque os homens não vão ao médico?** (23/06/2008). Disponível em: <http://br.groups.yahoo.com/group/H-CNPq/message/21>. Acesso em: 8 out. de 2011.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 08 out. 2011.

GRAY, John. **Homens são de Marte, mulheres são de Vênus**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/equlibrio/beleza/ult559u48.shtml> > Acesso em: 08 out. 2011.

Estratégias:

- ⊙ Para escrever uma boa redação é preciso conhecer bem o TEMA, ler assuntos relacionados, exemplificar, trazer dados que demonstrem conhecimento e que convençam o leitor.
- ⊙ Expor claramente as ideias principais;
- ⊙ Desenvolver essas ideias;
- ⊙ Responder as questões levantadas na *problemática*;
- ⊙ Usar linguagem padrão, clara, objetiva, direta;
- ⊙ Defender pontos de vista;
- ⊙ Levantamento de ideias sobre o tema proposto.

Cuidados com/para:

- ⊙ Modalidade escrita na variedade padrão;
- ⊙ Vocabulário;
- ⊙ Sentido do texto;
- ⊙ Não fugir do tema.

Dicas extras: Algumas Palavras Essenciais:

Articulação de ideias – Algumas Palavras que auxiliam:

Ideia de adição: e, nem, mas também, como também, mas ainda, etc;

Ideia de contrariedade: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante, nada obstante, etc;

Ideia de alternância: ou, ou...ou, ora...ora, já...já, quer...quer, seja...seja

Ideia de conclusão: logo, portanto, então, assim, por isso, por conseguinte, de modo que, pois, etc.

Ideia de explicação: porque, que, pois.

Ideia de causa: porque, porquanto, por isso que, visto que, já que, uma vez que, como, etc;

Ideia de condição: se, caso, contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a não ser que, a menos que, sem que, dado que, etc;

Ideia de consequência: de modo que, de maneira que, de forma que, de sorte que, tanto que, tão que, etc.

Ideia de comparação: como, que ou do que, bem como, assim como, que nem, qual, quanto, como se, etc;

Ideia de permissão: embora, se bem que, ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que, sem que, por mais que;

Ideia de consenso: conforme, como, segundo, consoante, etc;

Talvez

Para entender

Além disso

De certa forma

Expressões para iniciar

parágrafos de desenvolvimento:

Com isso

Tem-se

A hipótese

Também

Para que tais princípios

Neste caso,

Por exemplo,

Mesmo que

Quanto ao item

Mais precisamente

Apesar disso

Logo,

Por fim,

A princípio,

Sem dúvida

Em seguida

Na verdade

Expressões iniciais para a conclusão

Assim,

Desta forma

Do exposto acima

Em virtude do exposto acima

A conclusão a que se chega

Agora,

Como se vê

Quanto ao

Sabe-se

Diante do tema exposto

Por outro lado

Finalmente

Além disso

Unidade III – Elaboração do relatório de pesquisa

Conteúdo: Demonstração de produção própria, mediante a socialização da pesquisa realizada pelas três estagiárias: *Por que as mulheres vivem mais do que os homens?* Período de orientação para execução das possíveis mudanças nos relatórios.

Objetivos:

- Entender, mediante um exemplo compatível com as necessidades do trabalho discente, como se dá a consecução do relatório de pesquisa exigido no processo avaliativo;
- Refletir sobre as possibilidades de escrita no uso específico;

Atividades

- Apresentação de slides;
- Leitura de Relatório de Pesquisa;
- Análise de texto dissertativo e de seus aspectos estruturais e formais.

Metodologia

Etapa I (Dia 24/10/2011)

- Explicar a pesquisa realizada, para fins didáticos, sobre a longevidade das mulheres em relação aos homens – em *PowerPoint*.
- Abordar as etapas de produção de um relatório, por meio do relatório-exemplo – Por que as mulheres vivem mais do que os homens?
- Explicar de que forma se construiu o texto em estudo, identificando suas partes elementares: introdução, desenvolvimento e conclusão.
- Mostrar aos alunos os elementos coesivos do texto e explicar de que forma podem ser organizadas as ideias no relatório em estudo.
- Debater com a turma acerca do caráter analítico da dissertação.
- Propor que os alunos iniciem seus relatórios de pesquisa, com auxílio e orientação das estagiárias e dos professores da Unidade de Ensino.

Etapa II (Dia 25/10/11)

- Orientar a elaboração do relatório de pesquisa. Quando necessário, as questões linguísticas podem ser abordadas pelas professoras para o melhor desempenho dos alunos na confecção do texto.

Recursos Didáticos

- Projetor multimídia, *slides (power point)*, audiovisual, cópias dos relatórios de pesquisa.

Anexo da Unidade III

RELATÓRIO DE PESQUISA - MODELO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
NÚCLEO EJA NORTE
EQUIPE: KAMILA, SABRINA E SUZIANE
DATA: 17/10/2011

Por que as mulheres vivem mais do que os homens?

Diante da percepção de que existem mais idosas do que idosos à nossa volta, surge uma curiosidade. Se as mulheres vivem mesmo mais do que os homens, qual seria o motivo dessa maior longevidade?

De acordo com as informações obtidas em nossa pesquisa, encontramos quatro fatores que podem explicar, conforme reflexões científicas e não-científicas, uma possível longevidade superior das mulheres em relação aos homens: genética, a preocupação maior com a saúde, a maternidade e o estilo de vida. Essa estimativa de vida das mulheres pode ser verificada em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e em investigações baseadas no cotidiano de homens e mulheres.

Dentre essas diferenças entre os sexos, podemos citar que, ao longo da sua vida, as mulheres passam, basicamente, por duas transformações importantes com repercussões físicas e emocionais. A primeira ocorre entre os 08 e 14 anos, quando os ovários aumentam a produção dos hormônios sexuais, determinando modificações importantes, que se completam ao redor dos 18 anos. A segunda ocorre por volta dos 45 anos, em média, com a redução dos hormônios estrogênio e progesterona, marcando a mudança do período reprodutivo para o não-reprodutivo. Ocorrem, então, alterações anatômicas, funcionais e psicológicas, como irregularidade menstrual até sua interrupção definitiva, ressecamento da pele, aumento de peso, irritabilidade, ondas de calor, perda de energia e do desejo sexual, que podem ser tratadas, melhorando a qualidade de vida das mulheres durante esta fase.

Segundo o (IBGE), em 1980, a esperança de vida das mulheres era de 65,75 anos e em 2009 passou para 77,01 anos. Os homens viram sua expectativa de vida avançar de 59,66 anos para 69,42 anos no mesmo período.

A diferença entre as duas expectativas de vida pode significar formas diferentes, entre os sexos, de lidar com a própria saúde. Os últimos estudos realizados com as sociedades médicas brasileiras mostraram que os homens não costumam frequentar consultórios devido a barreiras culturais, principalmente. A figura de masculinidade, muitas vezes, faz com que os homens vejam a busca por recursos e cuidados médicos, como um sinal de fraqueza, diferentemente de mulheres, crianças e idosos.

Em relação à rotina de homens e mulheres, percebe-se em uma pesquisa em portais de notícias, *sites* de relacionamentos e *blogs* que, as mulheres, em geral, preocupam-se diariamente com a beleza (tratamentos estéticos, academia, vestuário). No entanto, essa preocupação é sempre associada a visitas frequentes ao médico e aos cuidados com a alimentação. Outras preocupações identificadas pelo sexo feminino estão ligadas à família, ao desempenho profissional e à busca de um equilíbrio emocional. Por outro lado, os homens apresentam preocupações relacionadas à vida profissional, ao desempenho sexual e ao lazer. A maneira como homens e mulheres organizam sua rotina revela muito sobre sua saúde física e mental, o que reflete na questão central dessa pesquisa: Por que as mulheres vivem mais do que os homens?

Concluímos que a hipótese de que a genética do corpo feminino é a única razão de a mulher viver mais do que o homem não foi confirmada, pois outros fatores influenciam na superior longevidade feminina, confirmando todos os nossos saberes prévios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Porque os homens não vão ao médico?** (23/06/2008). Disponível em: <http://br.groups.yahoo.com/group/H-CNPq/message/21>. Acesso em: 8 out. de 2011.

GRAY, John. **Homens são de Marte, mulheres são de Vênus**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/beleza/ult559u48.shtml>> Acesso em: 08 out. 2011.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 08 out. 2011.

Unidade IV – A refacção como determinante no processo de ensino-aprendizagem

Conteúdo: A prática do relatório de pesquisa. A síntese dos conhecimentos até então adquiridos.

Objetivos:

- Elaborar, sob orientação docente, o relatório exigido como critério para finalização das pesquisas.
- Refazer, de acordo com necessidades individuais, os relatórios, até que se percebam evoluções textuais consideráveis.

Atividades

- Apresentação de slides;
- Leitura de relatórios de pesquisas;
- Análise de relatórios de pesquisas em seus aspectos estruturais e formais.

Metodologia**Etapa I (Dia 26/10/2011)**

- Iniciar a aula explicando aos alunos o processo de refacção e sua importância.
- Entregar os relatórios para reescrita.
- Orientar os grupos individualmente acerca dos aspectos a serem revistos em seus relatórios.

Etapa II (Dia 27/10/2011)

- Orientar os grupos individualmente acerca dos aspectos a serem revistos em seus relatórios.

APÊNDICE C – Adaptações para fins didáticos



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA (Licenciatura)
PRÁTICA DE ENSINO I (Ensino fundamental)

Projeto didático: A heterogeneidade em favor dos discursos circulantes¹⁰

Kamila Caetano Almeida
Sabrina da Costa
Suziane da Silva Mossmann¹¹

1. JUSTIFICATIVA

Após tomarmos conhecimento da realidade da Educação de Jovens e Adultos, percebemos a existência de uma dinâmica diferenciada do ensino regular, que deve levar em conta a realidade dos alunos que a frequentam. Por isso, a proposta que segue tem por objetivo oportunizar aos alunos do Núcleo EJA Norte – Unidade de Santo Antônio - encontros com gêneros textuais diversos, entendendo que “a presença do texto na sala de aula implica desistir de um ensino como transmissão de um conhecimento pronto e acabado”. (GERALDI, 2010, p. 116). Com base nesse preceito e na orientação de Antunes (2005), entende-se que o professor precisa ocupar a função construtiva de alguém que, juntamente com os alunos, pesquisa, observa, analisa, reflete, descobre e aprende.

A partir desses pressupostos, o projeto de ensino em pauta será organizado em unidades temáticas que visem à mobilidade textual/social dos estudantes, a qual consiste no conhecimento de produções escritas que circulam socialmente em jornais, revistas, livros e

¹⁰ Projeto elaborado na disciplina de Prática do Ensino de Português I, sob a orientação da Professora Dra. Ana Cláudia Souza (anacs3@gmail.com).

¹¹ Acadêmicas do curso de Letras Português e suas Literaturas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

em meio digital, bem como dos recursos linguísticos possíveis de serem utilizados e particulares de cada gênero.

Verificamos que há na metodologia da EJA uma proposta diferenciada, que encontra na pesquisa seu princípio educativo. Por isso, todas as metas aqui delineadas têm por objetivo auxiliar na elaboração dos relatórios de pesquisa dos alunos, os quais necessitam de determinados saberes textuais para uma satisfatória consecução dos objetivos predelineados.

A propósito de a primeira versão do projeto didático ter sido elaborado anteriormente ao reconhecimento abrangente das demandas locais, fez-se necessária a adaptação deste documento, dos textos selecionados e das atividades propostas, para que os objetivos traçados tivessem seu alcance devidamente materializado.

2. ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA DAS ATIVIDADES DE REGÊNCIA DE CLASSE

Unidade I – *Os gêneros crônica e notícia atuantes no desenvolvimento da competência de leitura e escrita*

Conteúdo: Crônicas de Luis Fernando Verissimo e notícia *Pais não revelam sexo de sua criança de dois anos e meio*.

Objetivos:

- Ler os textos selecionados: *O homem trocado* e *As mentiras que os homens contam*, de Luis Fernando Verissimo; *Pais não revelam sexo de sua criança de dois anos e meio*, notícia publicada em meio eletrônico.
- Entender as distinções entre os gêneros, no tocante ao meio de circulação do texto, ao suporte e ao público-alvo;
- Perceber as diferenças estruturais/formais dos dois gêneros;
- Reconhecer, de forma geral, particularidades lexicais e sintáticas em cada texto;
- Exercitar a capacidade de compreensão leitora nos textos em estudo.

Desenvolvimento:

Atividades

- Apresentação de slides;
- Exibição de vídeos;
- Leitura das crônicas de Verissimo e da notícia veiculada na revista “Época”;
- Entrega das questões de compreensão leitora;
- Resolução das questões de compreensão leitora.

Metodologia

Etapa I (Dia 18/10/2001)

- Iniciar a oficina, explicando a importância da leitura e da escrita para a elaboração e desenvolvimento das pesquisas realizadas pelos alunos da EJA.
- Realizar a leitura silenciosa da crônica “O homem trocado”.
- Realizar a leitura em voz alta.
- Promover uma discussão acerca do texto lido: questionar os alunos se conheciam a crônica, se já haviam lido algum texto semelhante, explicar sobre o gênero e suas particularidades - como circula na sociedade, quais as intenções do autor, que linguagem utiliza.
- Promover a leitura silenciosa de texto didático de apoio sobre As leis de Murphy.
- Apresentar o vídeo selecionado com exemplos da Lei de Murphy.
- Realizar um breve debate sobre as Leis de Murphy, sobre o contexto trazido por Luis Fernando Verissimo na crônica “O homem trocado” e sobre alguns exemplos práticos ocorridos na vida dos alunos.
- Realizar atividades de compreensão leitora, por meio de questões orientadoras da leitura.

Etapa II (Dia 19/10/2011)

- Iniciar a aula retomando as discussões do dia anterior.
- Questionar os alunos sobre as dificuldades encontradas.
- Apresentar slides sobre o gênero notícia e explicar as diferenças entre a crônica e a notícia, a fim de demonstrar as intencionalidades, as particularidades desses gêneros e as diferentes leituras de mundo que se pode realizar.
- Realizar a leitura silenciosa da notícia *Pais não revelam sexo de sua criança de dois anos e meio*.
- Realizar a leitura em voz alta.
- Promover uma breve discussão sobre o texto lido.
- Realizar atividades de compreensão leitora, por meio de questões orientadoras da leitura.
- Realizar a leitura em voz alta da crônica *As mentiras que os homens contam* e ir explicando trechos mais complexos ou palavras desconhecidas aos estudantes.
- Entregar questões de compreensão leitora para serem lidas e resolvidas em casa como Hora de Produção Externa (HPE).

- Finalizar a segunda etapa das atividades sobre a leitura e a escrita em favor dos projetos de pesquisa dos alunos, solicitando que esses escrevam um comentário sobre o que aprenderam nessa oficina .

Recursos Didáticos

- Projetor multimídia, *slides (power point)*, audiovisual, cópias das crônicas, cópias da notícia, cópias das questões de compreensão leitora.

Anexos da Unidade I

Anexo A

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

NÚCLEO: SANTO ANTÔNIO II CICLO

ALUN@:

CRÔNICA

[O HOMEM TROCADO](#) (LUIS FERNANDO VERISSIMO)

O homem acorda da anestesia e olha em volta. Ainda está na sala de recuperação. Há uma enfermeira do seu lado. Ele pergunta se foi tudo bem.

- Tudo perfeito - diz a enfermeira, sorrindo.
- Eu estava com medo desta operação...
- Por quê? Não havia risco nenhum.
- Comigo, sempre há risco. Minha vida tem sido uma série de enganos...

E conta que os enganos começaram com seu nascimento. Houve uma troca de bebês no berçário e ele foi criado até os dez anos por um casal de orientais, que nunca entenderam o fato de terem um filho claro com olhos redondos. Descoberto o erro, ele fora viver com seus verdadeiros pais. Ou com sua verdadeira mãe, pois o pai abandonara a mulher depois que esta não soubera explicar o nascimento de um bebê chinês.

- E o meu nome? Outro engano.
- Seu nome não é Lírio?
- Era para ser Lauro. Se enganaram no cartório e...

Os enganos se sucediam. Na escola, vivia recebendo castigo pelo que não fazia. Fizera o vestibular com sucesso, mas não conseguira entrar na universidade. O computador se enganara, seu nome não apareceu na lista.

- Há anos que a minha conta do telefone vem com cifras incríveis. No mês passado tive que pagar mais de R\$ 3 mil.

- O senhor não faz chamadas interurbanas?
- Eu não tenho telefone!

Conhecera sua mulher por engano. Ela o confundira com outro. Não foram felizes.

- Por quê?
- Ela me enganava.

Fora preso por engano. Várias vezes. Recebia intimações para pagar dívidas que não fazia. Até tivera uma breve, louca alegria, quando ouvira o médico dizer:

- O senhor está desenganado.

Mas também fora um engano do médico. Não era tão grave assim. Uma simples apendicite.

- Se você diz que a operação foi bem...

A enfermeira parou de sorrir.

- Apendicite? - perguntou, hesitante.

- É. A operação era para tirar o apêndice.

- Não era para trocar de sexo?

(VERISSIMO, Luis Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio De Janeiro: Objetiva, 2005.)

Anexo B

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

NÚCLEO: SANTO ANTÔNIO II CICLO

ALUN@:

Notícia:

Pais não revelam sexo de sua criança de dois anos e meio

Revista Época

02/07/2009 | 11:43 | KATIA MELLO | **FAMÍLIA** | GÊNERO, MATERNIDADE, SUÉCIA



Alguns pais decidem não querer saber o sexo da criança durante a gestação. Esperam pela hora do parto para descobrirem se é um menino ou uma menina. Um casal de 24 anos na Suécia levou esta prática além dessa realidade. Eles se recusam a dizer o sexo de sua criança (na foto acima), que já tem dois anos e meio de idade. “Queremos que Pop cresça com maior liberdade e que não seja forçado a um gênero que o/a moldará”, disse a mãe. Pop (um nome fictício para proteção da criança) usa vestidos e também calças masculinas e seu cabelo muda do estilo feminino para o masculino a cada manhã. Apesar de Pop saber as diferenças entre um menino e uma menina, os pais se recusam a adotar pronomes para chamar a criança. A controversa atitude do casal gerou um intenso debate no país.

O jornal sueco que entrevistou os pais, *The Local*, conversou com a pediatra sueca Anna Nodenström do Instituto Karolinska sobre os efeitos a longo prazo no comportamento da criança. “Afetará a criança, mas é difícil de dizer se fará mal a ela”, diz a pediatra. “Não sei o que os pais querem com isso, mas certamente ela será diferente”, completou. Anna ainda afirmou que quando Pop entrar na escola, se seu gênero ainda for desconhecido, ela chamará muito a atenção dos coleguinhas.

A psicóloga canadense Susan Pinker autora do livro *The Sexual Paradox*, também entrevistada pelo jornal sueco, disse que será difícil manter incógnito o sexo da criança por muito mais tempo. “As crianças são curiosas sobre suas identidades e tendem a gravitar em torno das de mesmo sexo no começo da infância”.

Pop logo ganhará um irmãozinho ou irmãzinha, porque a mãe está grávida. Ela afirmou que irão revelar o gênero “quando Pop quiser”.

E vocês, acreditam que esconder o gênero de uma criança é saudável?

Anexo C
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

NÚCLEO: SANTO ANTÔNIO II CICLO

ALUN@:

Crônica:

As mentiras que os homens contam – Introdução

[Adaptado para fins didáticos]

Luis Fernando Verissimo

Nós nunca mentimos. Quando mentimos, é para o bem de vocês. Verdade. Começa na infância, quando a gente diz para a mãe que está sentindo uma coisa estranha, bem aqui, e não pode ir à aula por correr o risco de morrer no caminho. Se fôssemos sinceros e disséssemos que não tínhamos feito a lição de casa e por isso não podíamos enfrentar a professora, a mãe iria ter uma grande decepção. Assim, dávamos a vocês a alegria de se preocupar com a gente, que é a coisa que mãe mais gosta, e a poupávamos de descobrir a nossa falta de caráter. Melhor um doente do que um vagabundo. E se ela não acreditasse, e nos mandasse ir à escola de qualquer jeito, ainda tínhamos um trunfo sentimental. “Então vou ter que inventar uma história para a professora”, querendo dizer vou ter que mentir para outra mulher como se ela fosse você. “Está bem, fica em casa estudando!” E ficávamos em casa, fazendo tudo menos estudar, dando-lhe todas as razões para dizer que não nos aguentava mais, que é outra coisa que mãe também adora.

A primeira namorada. Mentíamos para preservar nosso amor-próprio. Certo?

- Não, não, eu estava passando por acaso. Você acha que eu fico rondando a sua casa o dia inteiro, é?

Mas o que vocês pensariam se nós disséssemos: “Sim, sim, não posso ficar longe de você, penso em você o dia inteiro, aqueles telefonemas que você atende e ninguém fala, sou eu! Confesso, sou eu! Vamos nos casar! Eu sei só tenho 12 anos e você 11, mas temos que nos casar! Senão eu morro. Senão eu morro!”? Vocês se assustariam, claro. A paixão nessa idade pode ser um buraco sem fim. Mentíamos para nos proteger desse buraco.

Outras namoradas. Outras mentiras.

- Eu só quero ver, juro. Não vou tocar.

Vocês não queriam ser tocadas, mas ao mesmo tempo se decepcionariam se a gente nem tentasse. Nem desse a vocês a chance de afastar a nossa mão, indignadas ou de descobrir como era ser tocada.

Namorar – pelo menos no meu tempo, que já faz mesmo muito tempo – era uma lenta conquista de territórios selvagens, como a dos exploradores do novo mundo. Avançávamos no desconhecido, centímetro a centímetro, mentira a mentira.

- Pode, mas só até aqui.

- Está bem. Não passo daí.

- Jura?

- Juro.

- Você passou! Você mentiu!

- Me distraí!

Dávamos a vocês, todas as oportunidades para dizer depois de tudo que tinha acontecido por causa da nossa sem-vergonhice e não pela vontade que vocês também sentiam. Não mentíamos para vocês, mentíamos por vocês. Os verdadeiros cavalheiros eram os que enganavam as mulheres. Eles diziam a verdade, sem pensar nos sentimentos de vocês.

Mas isso tudo mudou, desgrazadamente bem quando eu deixei para trás as tentações do mundo e entrei para uma ordem (a dos casados). A revolução sexual, que um dia ainda vai ser comemorada como a Revolução Francesa, com a invenção da pílula anticoncepcional correspondendo à conquista dos direitos do homem por uma liberdade, tornou o relacionamento entre homens e mulheres mais fraco e desobrigou os homens a mentir para as mulheres para salvar a honra delas. Aliás, dizem que a coisa virou de tal maneira que hoje a mentira mais comum dita pelos homens é “Esta noite não, querida, estou com dor de cabeça”. Não sei. Mas continuamos mentindo a vocês para o bem de vocês.

“ZzzzzzzZZZZ” não significa que nós estamos fingindo dormir com medo de ir ver que barulho é aquele na sala. Significa que estamos fingindo dormir para que você vá ver com seus próprios olhos que não é nada e pare com esses medos ridículos, e se for mesmo um ladrão nos avise a tempo de pular pela janela.

“Está quase igual ao da mamãe” significa que não chega aos pés do que a mamãe fazia, ou então que está muito melhor, mas que o importante é vocês não se sentirem nem tão chateadas que decidam atirar o doce na nossa cabeça e depois se arrependam, nem tão confiantes que parem de tentar ser iguais à mamãe, e no dia que a gente disser que está sentindo uma coisa estranha bem aqui, só para não ir trabalhar e ficar vendo o programa da Xuxa, vocês não digam “Comigo essa não pega” e nos botem na rua.

| Glossário:

Decepção: desilusão;

Caráter: dignidade qualidade de ser digno, maneira correta de agir com o outro;

Trunfo: uma carta na manga; um benefício ou vantagem em relação a alguém;

Preservar: proteger, defender, guardar;

Avançar: Caminhar para diante, continuar, fazer ir para frente.

Revolução: Reforma, transformação, mudança completa. Mudança brusca e violenta na estrutura econômica, social ou política de um Estado, por exemplo: A Revolução Francesa.

Ilusão: fantasia, engano;

Revolução Francesa: Luta pela liberdade política, social, econômica e religiosa da França.

Luta pelos direitos iguais entre os homens e pelo respeito.

Liberdade: estar livre, poder ir e vir, independente ou que não depende da autorização de outro.

Anexo D

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

NÚCLEO: SANTO ANTÔNIO II CICLO

ALUN@:

Crônica “O Homem Trocado” de Luis Fernando Verissimo

Questões de Compreensão Leitora

- 1- A crônica “O homem trocado”, de Luis Fernando Verissimo, apresenta um personagem recém-operado preocupado com alguns enganos que ocorreram ao longo de sua vida. Localize esses enganos e explique a partir deles o título da crônica escolhido por Verissimo.
- 2- Explique a passagem da crônica em que o autor escreve: “Até tivera uma breve, louca alegria, quando ouvira o médico dizer: - O senhor está desenganado.” Por que essa alegria foi considerada “breve” e “louca”?
- 3- Há uma frase popular que afirma que "Se alguma coisa pode dar errado, com certeza dará". Essa frase pertence a um conjunto de princípios conhecidos como Lei de Murphy. Como se pode relacionar o personagem Lírio a essa curiosa Lei? Em que momento do texto de Verissimo se percebe que a Lei encontrou Lírio outra vez?

Anexo E

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

NÚCLEO: SANTO ANTÔNIO II CICLO

ALUN@:

Notícia: “Pais não revelam sexo de sua criança de dois anos e meio”

Questões de Compreensão Leitora

- 5- Pop é nome fictício de uma criança, da qual não se sabe o sexo. Por que motivos os pais não querem revelar se Pop é menino ou menina?
- 6- A notícia veiculada na revista digital “Época” traz um tema bastante polêmico. Porque esse tema é considerado polêmico em nossa sociedade?
- 7- Explique o trecho a seguir: “Apesar de Pop saber as diferenças entre um menino e uma menina, os pais se recusam a adotar pronomes para chamar a criança.”
- 8- Depois de refletir um pouco sobre a atitude dos pais de Pop, o que você acha sobre essa atitude? Será saudável ou não? Comente sua resposta.

Anexo F

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

NÚCLEO: SANTO ANTÔNIO II CICLO

ALUN@:

Crônica – “As mentiras que os homens contam” – Luis Fernando Verissimo

Questões de Compreensão Leitora

- 1-Circule no texto as mentiras contadas pelos homens. Que mentiras são essas?
- 2- Você já teve que contar alguma mentira para o “bem” de alguém? Conte para nós que mentira foi essa. Se nunca mentiu, invente uma mentira do “bem”.

Anexo G

Leis de Murphy

O criador dessa lei foi o capitão da Força Aérea americana, Edward Murphy, e também foi a primeira vítima conhecida de sua própria lei. Ele era um dos engenheiros envolvidos nos testes sobre os efeitos da desaceleração rápida em piloto de aeronaves.

Para poder fazer essa medição, construiu um equipamento que registrava os batimentos cardíacos e a respiração dos pilotos. O aparelho foi instalado por um técnico, mas simplesmente ocorreu uma pane, com isso Murphy foi chamado para consertar o equipamento, descobriu que a instalação estava toda errada, daí formulou a sua lei que dizia: “Se alguma coisa tem a mais remota chance de dar errado, certamente dará”.

As principais Leis de Murphy:

- * Se alguma coisa pode dar errado, dará. E mais, dará errado da pior maneira, no pior momento e de modo que cause o maior dano possível.
- * Todo corpo mergulhado numa banheira faz tocar o telefone.
- * A informação mais necessária é sempre a menos disponível.
- * O pessimista se queixa do vento, o otimista espera que ele mude, o realista ajusta as velas e quem conhece Murphy não faz nada.
- * A fila do lado sempre anda mais rápido.
- * Se você está se sentindo bem, não se preocupe. Isso passa.
- * Se a experiência funcionou na primeira tentativa, tem algo errado.
- * Você sempre acha algo no último lugar que procura.
- * Toda partícula que voa sempre encontra um olho.
- * Se está escrito Tamanho único, é porque não serve em ninguém.
- * Não é possível sanar um defeito antes das 17 e 30h da sexta-feira. O defeito será facilmente sanado as 9 e 01h da segunda-feira.
- * A probabilidade de o pão cair com o lado da manteiga virado para baixo é proporcional ao valor do carpete.
- * O gato sempre cai em pé.

* Não adianta amarrar o pão com manteiga nas costas do gato e o jogar no carpete. Provavelmente o gato comerá o pão antes de cair em pé.

Fonte: < <http://www.brasilescola.com/curiosidades/lei-murphy.htm> > Acesso em 12 de out. 2011.

Anexo H – Vídeos do You Tube

<http://www.youtube.com/watch?v=xRqsXvC25IM&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=sShz8o5rOSE>

Unidade II – O relatório de pesquisa inserido na realidade da EJA e as intencionalidades dissertativas

Conteúdo: Familiarização com o gênero relatório de pesquisa, de acordo com as necessidades da programação pré-estabelecida para a turma, e correlações com o texto dissertativo.

Objetivos:

- Reconhecer o relatório de pesquisa como um gênero com características próprias;
- Descobrir como deve se organizar estruturalmente o relatório específico para o caso em questão, identificando suas partes constituintes e particularidades;
- Analisar o texto dissertativo, observando-o como componente necessário para a facção do relatório posteriormente exigido.

Atividades

- Apresentação de slides;
- Leitura de texto dissertativo;
- Entrega de esquema sobre o Relatório de Pesquisa;
- Análise de texto dissertativo e de seus aspectos estruturais e formais.

Metodologia

(Dias 20 e 21/10/2011)

- Iniciar a aula, explicando a importância de se compreender os objetivos de realização de uma pesquisa.
- Explorar o desenvolvimento das etapas de realização de uma pesquisa e a importância dos recursos linguísticos utilizados.
- Abordar a organização estrutural específica do gênero “Relatório de Pesquisa”, enfatizando os aspectos de intencionalidade do autor, as estratégias linguísticas utilizadas e o público –alvo.
- Entregar esquema de Relatório de Pesquisa.
- Realizar a leitura do esquema, explicando aos alunos as etapas de elaboração de um projeto de pesquisa (no *PowerPoint*).

- Promover leitura silenciosa de texto dissertativo adaptado para fins didáticos.
- Promover leitura em voz alta do mesmo texto.
- Explicar pontualmente as estratégias linguísticas e discursivas utilizadas pelo autor (sem nomeá-las tecnicamente).
- Solicitar aos alunos que escrevam comentário sobre o que aprenderam na oficina.

Recursos Didáticos

- Projetor multimídia, *slides (power point)*, cópias do texto dissertativo adaptado , cópias do esquema.

Anexos da Unidade II

Anexo A

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

NÚCLEO: SANTO ANTÔNIO II CICLO

ALUN@:

Na nossa vida cotidiana estamos sempre sendo solicitados a dar nossa opinião sobre os mais variados assuntos: na vida afetiva, profissional, familiar, política e religiosa. Sobre todos os assuntos sempre temos nosso ponto de vista, nossas idéias, nosso modo de encarar e julgar. E fazemos isso a toda hora, em conversas, diálogos, debates, discussões, entrevistas. Isso na linguagem oral, na fala. Na linguagem escrita também podemos perceber e emitir pontos de vista, idéias e opiniões. Observe o texto a seguir.

O casamento atual

Anna Narbone de Faria

O casamento atual, como todas as demais instituições, sofreu incríveis modificações. Se a moça ainda aguarda o cavaleiro montado em um corcel branco e que a faça feliz para toda a vida, vai morrer de velha, nessa espera.

O cavaleiro se desmistificou. Já não vem mais montado, mas sim a pé sofrendo as agruras de um mercado de trabalho cada vez mais difícil para o homem e mais exigente com a sua capacidade.

A mulher tem mais condições de trabalho, por aceitar ganhar menos, trabalhar em qualquer hora, deixando de ver reconhecidas, pelas suas necessidades, as suas qualidades de operária.

O casamento já não diz mais "até que a morte nos separe", pelo menos não se pensa assim, e nem o homem diz para a mulher "mulher minha não trabalha fora de casa". A família é sustentada pelos dois, ou pelo trabalho da mulher quando o homem fica desempregado. Também os casais já não têm uma casa grande, muito menos quatro a seis filhos para educar. A vida atual

exigiu que o apartamento de dois ou três quartos fosse a morada da família. Os pais trabalham, os filhos ficam por conta da avó, ou permanecem sozinhos, ou em cursos que auxiliam sua vida escolar. Raramente, a família se encontra durante a semana.

Dentro dessas modificações, fica mais fácil a separação quando as desavenças aparecem. E é nesse exato momento que se vê, realmente, que o casamento não foi feito para durar, mas para produzir felicidade. Desde os filhos, todos querem ser felizes. Se não há entendimento, melhor viver separados do que juntos e infelizes. Os próprios filhos, quando adolescentes, são os que pedem aos pais pela sua separação, tendo em vista as brigas constantes.

A separação é um mal necessário. Todavia, ela precisa respeitar as pessoas que fazem parte da família. É necessário estabelecer um critério para a pensão alimentícia, pois os filhos precisam continuar estudando no lugar onde foram matriculados, sem que sejam retirados dos colégios que frequentam, tudo por uma vingança do pai para com a mãe ou vice-versa. Os filhos precisam continuar a contar com a presença dos pais e seus problemas continuam a ser tão importantes quanto eram, quando a família estava unida. O pai e a mãe têm o direito de procurar novos companheiros, pois é imposição da nova sociedade. Por sua vez, precisam ser respeitados pelos antigos companheiros, porque de nada são culpados.

A família nunca se separa, nem se desestrutura. Quem se separa são as pessoas. E essas só se desestruturam se não avaliarem bem as suas responsabilidades perante a família.

Anna Narbone de Faria é advogada, especialista em Direito de Família.

Atividade:

Assinale a alternativa que melhor expressa o significado das palavras grifadas:

1. “O casamento atual, como todas as demais instituições...”

- a) Festas familiares.
- b) Organizações sociais.
- c) Encontro de amigos.

2. “O cavaleiro se desmistificou”.

- a) deixou de ser sonho, fantasia.
- b) Tornou-se um herói inatingível.
- c) Veio montado em um lindo cavalo branco.

3. “É necessário estabelecer um critério.”

- a) Uma norma a seguir.
- b) Uma idéia a respeito de algo.
- c) Uma sugestão às pessoas.

Refleta sobre o texto lido e assinale a alternativa correta existente em cada questão:

1. No primeiro parágrafo, a autora afirma que o casamento

- a) sofreu grandes transformações
- b) é uma instituição falida
- c) ainda consegue levar muitos jovens para o altar.

2. Ao escrever sobre o trabalho, tanto do homem como da mulher, a autora constata que

- a) mesmo desempregado, o homem vive bem.
- b) há pouca exigência no mercado de trabalho.
- c) para a mulher, conseguir um trabalho é mais fácil porque ela aceita trabalhar por um salário baixo.

Anexo B

Relatório de Pesquisa - Técnicas para a construção de um bom texto dissertativo

Como elaborar um Relatório de Pesquisa

Estrutura

Cabeçalho

- ⊙ Escola Paulo Fontes - Educação de Jovens e Adultos - Núcleo Santo Antônio
- ⊙ Professor Orientador:
- ⊙ Equipe de Pesquisa:
- ⊙ Ciclo:
- ⊙ Data para entrega:

Tema e problemática

- ⊙ É o assunto sobre o qual foi desenvolvida a pesquisa e o ponto de vista assumido;
- ⊙ A problemática é a questão que deu origem à pesquisa;
- ⊙ É uma ideia que apresenta começo, meio e fim
- ⊙ Exemplo:
- ⊙ Problemática: Por que as mulheres vivem mais do que os homens?
- ⊙ Tema: Pesquisas comprovam que, a cada ano, a estimativa de vida das mulheres aumenta em relação à dos homens.

Estrutura do Relatório de Pesquisa

É composto por três partes:

Introdução:

Na introdução, o leitor define e apresenta o tema a ser discutido; posiciona-se a respeito de tal tema, preparando o leitor para as ideias a serem desenvolvidas no corpo do trabalho. A parte introdutória deve ser breve, precisa e clara.

Desenvolvimento:

No desenvolvimento são abordados, o tema e os enfoques a serem examinados, interpretados, discutidos, defendidos/rebatidos (ou as duas coisas). É no desenvolvimento que o autor apresenta opiniões, exemplos, provas, e dados que possam reforçar seus argumentos em defesa ou contestação de determinado(s) ponto(s) de vista. Desenvolver as principais ideias levantadas no mapa conceitual.

Exemplo: No desenvolvimento precisam estar as respostas para as principais perguntas que estão no mapa conceitual:

- ⊙ Quais as principais diferenças biológicas entre homens e mulheres?
- ⊙ Qual a estimativa de vida de homens e mulheres?
- ⊙ Quais as diferenças entre a rotina da mulher e a rotina do homem?

Conclusão: É na conclusão que o autor sintetiza o seu texto, colocando sua opinião de forma impessoal.

Conclusão: “É na conclusão que você coloca a sua opinião sobre a pesquisa e diz se suas hipóteses foram ou não confirmadas.”

Referências: As referências são as fontes (livros, páginas da internet, revistas, etc.) que você usou para realizar a sua pesquisa. Elas devem aparecer no final do texto, após a conclusão.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Porque os homens não vão ao médico?** (23/06/2008). Disponível em: <http://br.groups.yahoo.com/group/H-CNPq/message/21>. Acesso em: 8 out. de 2011.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 08 out. 2011.

GRAY, John. **Homens são de Marte, mulheres são de Vênus**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/beleza/ult559u48.shtml> > Acesso em: 08 out. 2011.

Estratégias:

- ⊙ Para escrever uma boa redação é preciso conhecer bem o TEMA, ler assuntos relacionados, exemplificar, trazer dados que demonstrem conhecimento e que convençam o leitor.
- ⊙ Expor claramente as ideias principais;
- ⊙ Desenvolver essas ideias;
- ⊙ Responder as questões levantadas na *problemática*;
- ⊙ Usar linguagem padrão, clara, objetiva, direta;
- ⊙ Defender pontos de vista;
- ⊙ Levantamento de ideias sobre o tema proposto.

Cuidados com/para:

- ⊙ Modalidade escrita na variedade padrão;
- ⊙ Vocabulário;
- ⊙ Sentido do texto;
- ⊙ Não fugir do tema.

Dicas extras: Algumas Palavras Essenciais:

Articulação de ideias – Algumas Palavras que auxiliam:

Ideia de adição: e, nem, mas também, como também, mas ainda, etc;

Ideia de contrariedade: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante, nada obstante, etc;

Ideia de alternância: ou, ou...ou, ora...ora, já...já, quer...quer, seja...seja

Ideia de conclusão: logo, portanto, então, assim, por isso, por conseguinte, de modo que, pois, etc.

Ideia de explicação: porque, que, pois.

Ideia de causa: porque, porquanto, por isso que, visto que, já que, uma vez que, como, etc;

Ideia de condição: se, caso, contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a não ser que, a menos que, sem que, dado que, etc;

Ideia de consequência: de modo que, de maneira que, de forma que, de sorte que, tanto que, tão que, etc.

Ideia de comparação: como, que ou do que, bem como, assim como, que nem, qual, quanto, como se, etc;

Ideia de permissão: embora, se bem que, ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que, sem que, por mais que;

Ideia de consenso: conforme, como, segundo, consoante, etc;

Para entender

Expressões para iniciar parágrafos de desenvolvimento:

Além disso

Com isso

De certa forma

Tem-se

Expressões iniciais para a conclusão

A hipótese

Assim,

Também

Desta forma

Para que tais princípios

Do exposto acima

Neste caso,

Em virtude do exposto acima

Por exemplo,

A conclusão a que se chega

Mesmo que

Agora,

Quanto ao item

Como se vê

Mais precisamente

Quanto ao

Apesar disso

Sabe-se

Logo,

Diante do tema exposto

Por fim,

Por outro lado

A princípio,

Finalmente

Sem dúvida

Além disso

Em seguida

Na verdade

Talvez

Unidade III – Elaboração do relatório de pesquisa

Conteúdo: Demonstração de produção própria, mediante a socialização da pesquisa realizada pelas três estagiárias: *Por que as mulheres vivem mais do que os homens?* Período de orientação para execução das possíveis mudanças nos relatórios.

Objetivos:

- Entender, mediante um exemplo compatível com as necessidades do trabalho discente, como se dá a consecução do relatório de pesquisa exigido no processo avaliativo;
- Refletir sobre as possibilidades de escrita no uso específico;

Atividades

- Apresentação de slides;
- Leitura de Relatório de Pesquisa;
- Análise de texto dissertativo e de seus aspectos estruturais e formais.

Metodologia

Etapa I (Dia 24/10/2011)

- Explicar a pesquisa realizada, para fins didáticos, sobre a longevidade das mulheres em relação aos homens – em *PowerPoint*.
- Abordar as etapas de produção de um relatório, por meio do relatório-exemplo – Por que as mulheres vivem mais do que os homens?
- Explicar de que forma se construiu o texto em estudo, identificando suas partes elementares: introdução, desenvolvimento e conclusão.
- Mostrar aos alunos os elementos coesivos do texto e explicar de que forma podem ser organizadas as ideias no relatório em estudo.
- Debater com a turma acerca do caráter analítico da dissertação.
- Propor que os alunos iniciem seus relatórios de pesquisa, com auxílio e orientação das estagiárias e dos professores da Unidade de Ensino.

Etapa II (Dia 25/10/11)

- Orientar a elaboração do relatório de pesquisa. Quando necessário, as questões linguísticas podem ser abordadas pelas professoras para o melhor desempenho dos alunos na confecção do texto.

Recursos Didáticos

- Projetor multimídia, *slides (power point)*, audiovisual, cópias dos relatórios de pesquisa.

Anexo da Unidade III

RELATÓRIO DE PESQUISA - MODELO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
NÚCLEO EJA NORTE
EQUIPE: KAMILA, SABRINA E SUZIANE
DATA: 17/10/2011

Por que as mulheres vivem mais do que os homens?

Diante da percepção de que existem mais idosas do que idosos à nossa volta, surge uma curiosidade. Se as mulheres vivem mesmo mais do que os homens, qual seria o motivo dessa maior longevidade?

De acordo com as informações obtidas em nossa pesquisa, encontramos quatro fatores que podem explicar, conforme reflexões científicas e não-científicas, uma possível longevidade superior das mulheres em relação aos homens: genética, a preocupação maior com a saúde, a maternidade e o estilo de vida. Essa estimativa de vida das mulheres pode ser verificada em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e em investigações baseadas no cotidiano de homens e mulheres.

Dentre essas diferenças entre os sexos, podemos citar que, ao longo da sua vida, as mulheres passam, basicamente, por duas transformações importantes com repercussões físicas e emocionais. A primeira ocorre entre os 08 e 14 anos, quando os ovários aumentam a produção dos hormônios sexuais, determinando modificações importantes, que se completam ao redor dos 18 anos. A segunda ocorre por volta dos 45 anos, em média, com a redução dos hormônios estrogênio e progesterona, marcando a mudança do período reprodutivo para o não-reprodutivo. Ocorrem, então, alterações anatômicas, funcionais e psicológicas, como irregularidade menstrual até sua interrupção definitiva, ressecamento da pele, aumento de peso, irritabilidade, ondas de calor, perda de energia e do desejo sexual, que podem ser tratadas, melhorando a qualidade de vida das mulheres durante esta fase.

Segundo o (IBGE), em 1980, a esperança de vida das mulheres era de 65,75 anos e em 2009 passou para 77,01 anos. Os homens viram sua expectativa de vida avançar de 59,66 anos para 69,42 anos no mesmo período.

A diferença entre as duas expectativas de vida pode significar formas diferentes, entre os sexos, de lidar com a própria saúde. Os últimos estudos realizados com as sociedades médicas brasileiras mostraram que os homens não costumam frequentar consultórios devido a barreiras culturais, principalmente. A figura de masculinidade, muitas vezes, faz com que os homens vejam a busca por recursos e cuidados médicos, como um sinal de fraqueza, diferentemente de mulheres, crianças e idosos.

Em relação à rotina de homens e mulheres, percebe-se em uma pesquisa em portais de notícias, *sites* de relacionamentos e *blogs* que, as mulheres, em geral, preocupam-se diariamente com a beleza (tratamentos estéticos, academia, vestuário). No entanto, essa preocupação é sempre associada a visitas frequentes ao médico e aos cuidados com a alimentação. Outras preocupações identificadas pelo sexo feminino estão ligadas à família, ao desempenho profissional e à busca de um equilíbrio emocional. Por outro lado, os homens apresentam preocupações relacionadas à vida profissional, ao desempenho sexual e ao lazer. A maneira como homens e mulheres organizam sua rotina revela muito sobre sua saúde física e mental, o que reflete na questão central dessa pesquisa: Por que as mulheres vivem mais do que os homens?

Concluimos que a hipótese de que a genética do corpo feminino é a única razão de a mulher viver mais do que o homem não foi confirmada, pois outros fatores influenciam na superior longevidade feminina, confirmando todos os nossos saberes prévios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Porque os homens não vão ao médico?** (23/06/2008). Disponível em: <http://br.groups.yahoo.com/group/H-CNPq/message/21>. Acesso em: 8 out. de 2011.

GRAY, John. **Homens são de Marte, mulheres são de Vênus**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/beleza/ult559u48.shtml>> Acesso em: 08 out. 2011.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 08 out. 2011.

Unidade IV – *A refacção como determinante no processo de ensino-aprendizagem*

Conteúdo: A prática do relatório de pesquisa. A síntese dos conhecimentos até então adquiridos.

Objetivos:

- Elaborar, sob orientação docente, o relatório exigido como critério para finalização das pesquisas.
- Refazer, de acordo com necessidades individuais, os relatórios, até que se percebam evoluções textuais consideráveis.

Atividades

- Apresentação de slides;
- Leitura de relatórios de pesquisas;
- Análise de relatórios de pesquisas em seus aspectos estruturais e formais.

Metodologia

Etapa I (Dia 26/10/2011)

- Iniciar a aula explicando aos alunos o processo de refacção e sua importância.
- Entregar os relatórios para reescrita.
- Orientar os grupos individualmente acerca dos aspectos a serem revistos em seus relatórios.

Etapa II (Dia 27/10/2011)

- Orientar os grupos individualmente acerca dos aspectos a serem revistos em seus relatórios.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. . *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GERALDI, João Wanderley. (Org) **O texto na sala de aula**. 4ªed. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **A aula como acontecimento**. São Paulo: Pedro e João Editores, 2010.

KOCH, Ingedore Vilaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2003.

LEFFA, Vilson. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra, 1996

MELLO, Kátia. **Pais não revelam sexo de sua criança de dois anos e meio**. Disponível em: <http://colunas.epoca.globo.com/mulher7por7/2009/07/02/pais-nao-revelem-sexo-de-sua-crianca-de-dois-anos-e-meio/>. Acesso em: 08 out. 2011.

VERISSIMO, Luis Fernando. **As Mentiras que os homens contam**. Rio de Janeiro (RJ): Objetiva, 2001.

_____. **Comédias para se ler na escola**. Rio De Janeiro: Objetiva, 2005.

: < <http://www.brasilecola.com/curiosidades/lei-murphy.htm> >Acesso em 12 de out. 2011.